ILUSTRAÇÃO

A PINTURA E O AMOR

Quadro de Ducis — Gravura de T. A. Allais

Van-Dick pintando o seu primeiro quadro por amor duma encantadora rapariga

1-JUNHO-1937 N.º 275 — 12.º ano PREÇO - 5 escudos

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES 3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Uma chavena d'
'OVOMALTINE'
pela manhã
dá energias para um
dia de trabalho
ao deitar
assegura um sono
tranquilo e natural.

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata
DR. A. WANDER S. A. – BERNE
ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:
ALVES & C.ª (IRMÃOS) – RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º – LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.
BAUME BENGUÉ
Apr. D S P. em 03-1913 sob o N.º 28
RHEUMATISMO-GOTA
NEVRALGIAS
Venda em todas as Pharmacias

A Sua Pele Tornou-se Clara Durante o Sôno

Uma Nova Cêra Extraída das Flores Suprime As Imperfeições da Pele e Produz Uma Beleza Fresca e Nova Numa Unica Noite

Fabricando-se perfumes descobriu-se que uma pura cêra virgem, extraída da corola das flores possui a maravilhosa faculdade de embranquecer a pele Com esta delicada substância dum branco níveo, chamada Cire Aseptine, tôda a mulher pode hoje tornar rápidamente clara a pele dando-lhe diferentes tons. Tudo o que parecia grosseiro, escuro e sêco desaparece, os pontos negros são dissolvidos e as imperfeições do rosto apagam-se A pele adquire um aspecto claro, macio, juvenil, lilial, e isto duma maneira impossivel de obter de modo diverso.

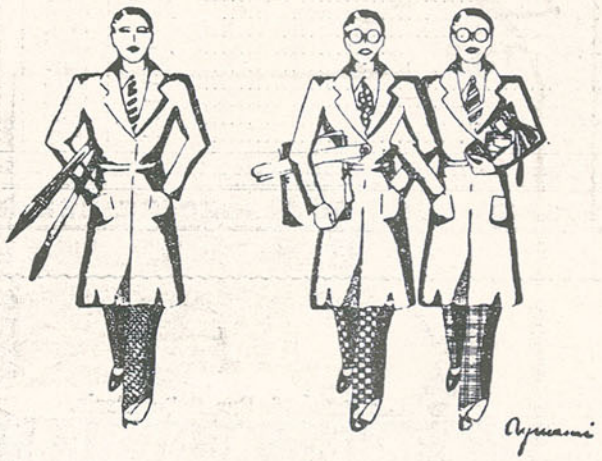
Aplicada à noite, antes do deitar, a Cire Aseptine penetra suavemente na pele, que amolece, destacando em pequenas partículas, durante o sono, a camada exterior endurecida Quando lavar o rosto, de manhã, estas grosseiras peliculas da pele desaparecem E' assim que aparece a beleza da pele fresca e nova que elas encobriam Não deixe de empregar igualmente a Cire Aseptine no rosto e no pescoço — bem como nos ombros, nos braços e nas mãos se o desejar. Doutro modo, a diferença na côr da pele será muito notada.

À venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à **Agência Aseptine — 88, Rua da Assunção, Lisboa** — que atende na volta do correio.

À VENDA
o 5.º volume
CAMÕES LÍRICO
(CANÇÕES)
PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**
Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa
1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança..... **14$00**
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 21308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 12

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 8.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro . . 12$00

Pelo correio à cobrança . . . . . 13$50

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Seres saudáveis...

São 5 horas. Na rua passa um casal. Nele existe um não sei quê que atrai o nosso olhar. Mocidade? Elegância? Não; simplesmente a alegria de viver. E que encantador bébé o seu... robusto, corado, esperto, chuchando o dedo à espera do delicioso momento do "biberon"... Enfim, uma adorável criança.

Mas não imagineis que êles gosaram sempre esta deliciosa ventura. Ela começou apenas no dia em que tomaram a decisão de conservar frescos, em casa, num verdadeiro «*frigorífico*», os géneros que compravam em excelente estado, mas que se alteravam com uma rapidez incrivel. E a ingerência de leite, carnes, legumes e frutas em via de se deteriorarem é claro que só prejudica o organismo.

Hoje, por alguns centavos de electricidade, por dia, um verdadeiro «*frigorífico*» preserva-lhes a saúde conservando frescos os géneros que adquirem em quantidade e por preços reduzidos, donde lhes resulta também uma grande economia.

A BELEZA
TEM POR ORIGEM
A SAÚDE

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

O seu desespêro ao notar a conta da electricidade muito elevada é compreensivel. Mas, porque tem instaladas em casa dessas lâmpadas "baratas" qae tão caras se tornam por consumirem muito e darem pouca luz?

Para ter boa iluminação com pouco dispêndio, use só as económicas "DD"

LAMPADAS
fotometricamente experimentadas
PHILIPS

Horas sem sofrer...
Horas felizes

Ela tem a certeza absoluta disto e vive, por conseguinte, uma vida livre de dôres. E é tão simples eliminar completamente a dôr, a inimiga nata da alegria!

Um ou dois comprimidos de

Cafiaspirina

cortam em poucos minutos as dôres de cabeça e de dentes no seu inicio e sentimo-nos de novo bem dispostos e animados.

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

à venda o 3.º milhar

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A lingua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o «Greco» — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata . . . . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **14$00**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 73 — LISBOA

À venda a 9.ª edição

D. PEDRO E D. INÊS

«O GRANDE DESVAYRO!»

Romance por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, Esc. **12$00**; pelo correio à cobrança, Esc. **14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE:— 2 0535

N.º 275 — 12.º ANO
1-JUNHO-1937

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

LUIZ DE CAMÕES

(No 357.º aniversário da sua morte)

Mais um ano vai passar sôbre a morte do excelso cantor das glórias nacionais, o poeta imortal que constitui o maior orgulho da nossa Raça.

Após três séculos e meio, a figura de Camões avoluma-se cada vez mais no nosso espírito, tomando a sua lembrança as proporções do mais fervoroso culto.

Junto da estátua do divino épico, o nosso olhar eleva-se numa prece tão sentida, tão alta, tão sincera, que os lábios não poderiam balbuciá-la.

Camões é a mais lídima glória nacional. Como soldado soube bater-se tão ardorosamente pela Pátria que lhe sacrificou a luz de um dos olhos; como poeta é o maior de todos — e de sempre. Na poesia épica, seguindo as normas de Homero e Vergílio, chegou a suplantá-los. Onde têm a *Ilíada* ou a *Eneida* um canto tão belo como o da Ilha dos Amores ou tão profundamente sentido como o da morte da linda Inês?

Os versos de Camões não focam uma época — são de sempre. Escritos há mais de três séculos, parecem de hoje, se hoje houvesse um poeta tão grande que os soubesse escrever.

Razão tinha João de Deus ao afirmar que

Os "Lusiadas„ estão como na hora!
Três séculos e nada.
Nem uma letra única apagada!
Porque a gente decora,
E nem os vermes comem
Não traçam, não consomem
Uma obra inspirada,
Suma-se o vulto que a compoz, embora.
Os dons da Divindade
— A beleza, a verdade
Essa glória de Deus como do homem —
Raiam e ficam em perene aurora!

Assim definiu o grande poeta do *Campo de Flores* o divino cantor das glórias lusitanas, E, como João de Deus, todos os espíritos cintilantes da nossa terra renderam o devido preito ao inegualável Camões, podendo dizer-se que, depois dêle, nada mais se escreveu em Portugal nem no estrangeiro.

Essa justiça lhe prestam, de quando em quando.

Valha-nos isso, ao menos.

Emilio Castelar, aludindo ao nosso épico, escreveu com a mão firme que um cérebro justiceiro impelia:

Los dos grandes poetas de la Navegación serán eternamente Homero e Camoens por la Odysea *y las* Lusiadas. *Pero la epopeya del lusitano superará en magnitud à la epopeya del grieco como el Atlantico al Mediterraneo.*

No será exigir muito que todos os portugueses sigam o exemplo dos estrangeiros nossos admiradores.

UMA LONGA VIDA E UMA LONGA OBRA

A MORTE DE ROCKEFELLER

De humilde pastor de vacas ao opulento multimilionário

Rockefeller nos seus belos tempos

APÓS uma longa vida de trabalho intenso, finou-se na sua linda vivenda da Flórida o famoso milionário Rockefeller que foi o homem mais rico do Mundo.

Aos vinte e dois anos, quando a existência se lhe mostrava extensa, aventurosa e cheia de ambições, John D. Rockefeller escrevia no seu diário:

"Serei muito rico e morrerei com cem anos».

Pode dizer-se que esta profecia se cumpriu, visto ter morrido com 98 anos de idade — ia completá-los no dia 8 de Julho — senhor de uma fortuna que ultrapassava 50 milhões de contos da nossa moeda.

Rockefeller jogador de golf apesar dos seus quási cem anos

Não se suponha, no entanto, que Rockefeller iniciou a sua carreira com qualquer ajuda valiosa, como tantas e tantas vezes sucede. Não. Fez-se à sua custa. Seu pai, era um pequeno lavrador de Ohio, que mal ganhava para a manutenção do seu lar. Foi por isso que, aos sete anos de idade, o pobre John foi empregar-se numa fazenda próxima como vaqueiro, servindo também como sacristão numa pequena igreja, sempre que o seu trabalho lh'o permitia.

Bem rude se mostrava a vida para esta criança de sete anos que mais desejaria os folguedos infantis!

Ele próprio relembrou êsse passado ingrato, nos termos seguintes:

"Aos sete anos ordenhava vacas com a habilidade do mais consumado vaqueiro. Aos oito montava a cavalo com verdadeira petulância. Podem supor que êstes dados não têm grande importância, e no entanto êles demonstram que, desde pequeno, tudo o que tenho feito na vida o consegui fazer conscienciosamente.

"Aos dez anos comecei a negociar por conta de meu pai. Entre outras compras, me encarregou a de vários feixes de lenha. Antes de a realizar informei-me *conscienciosamente* da situação do mercado e das condições que devia reunir um sólido feixe de acha e rama.

"Mais tarde meu pai encarregou-me de construir uma casa. Deu-me o dinheiro, e eu, sósinho, me entendi com o mestre de obras e com os pedreiros. Posso dizer que não explorei ninguem nem consenti que me explorassem. Assim, sendo ainda uma criança, aproveitei bastantes lições que deveriam ser-me úteis no futuro. Aprendi a ser astuto, conscienciosо no trabalho, discreto, económico e a ter confiança em mim mesmo».

Como se vê, Rockefeller tinha um certo orgulho em recordar os seus princípios humildes.

Aos dezasseis anos regressou a Cleveland, encontrando trabalho numa oficina, onde mal ganhava para comer. Nessa altura surgiu-lhe uma oportunidade de negócio em face da oferta duma barca carregada de madeira que era posta à venda em boas condições. Reunindo as suas parcas economias abalançou-se a efectuar a compra, sendo êle próprio quem timonou a barca sôbre as águas do Ohio. Ao cabo de três milhas de viagem, conseguiu vender a madeira a um serrador, obtendo um lucro de 100 dólares.

Decorrem alguns anos que o ocupam em pequenos negócios como o da lenha, associando-se depois ao seu amigo Hewitt, abrindo um armazem de várias mercadorias. Não tardou que a sua conta bancária obtivesse um crédito de 10 mil dólares.

Associando-se mais tarde, com outro amigo chamado Andrews, Rockefeller tentou um pequeno negócio de refinação de petróleo. Aqui, o êxito foi fulminante. A fábrica, ainda que trabalhando dia e noite, não consegue atender o dilúvio de pedidos. Dentro de dois anos, Rockefeller monta mais duas fábricas, produzindo uma média diária de dois mil barris de petróleo.

Foi assim que nasceu o monopólio mais poderoso do Mundo: a *Standara Oil Company*.

Insatisfeito ainda com o seu capital que muitos consideravam já fabuloso, Rockefeller arrisca-se em novas especulações.

Os negócios de minas, gás, material ferroviário, etc., contribuem, com o do petróleo, para dar realidade às fabulosas cifras da fortuna que amontoou: 50 milhões de contos!

A sua acção como presidente da *Standard Oil Company* durante vinte anos ficou memorável nos anais da indústria do petróleo, não só na América do Norte, mas em todo o Mundo.

Entrou, então, na sua fase filantrópica que se tornou digna da opulência dum tal benemérito.

Em todos os Estados da América do Norte fundou museus, colégios, creches e asilos, gastando sômas enormes com estas simpáticas iniciativas. Abandonando a vida industrial em 1896, empreendeu longas viagens pela Europa, interessando-se por todos os empreendimentos que tivessem alguma utilidade para a Humanidade. Só com a Faculdade de Medicina de Lyon e a Cidade Universitária de Paris gastou o melhor de 100 milhões de francos.

Uma tão grande fortuna não podia ter caído em melhores mãos.

E como vivia Rockefeller nos últimos tempos?

Às 10 horas levantava-se e tomava o seu pequeno almoço, junto de dois enfermeiros que, dia e noite, se revezavam, velando junto do arqui-milionário. Em seguida, um secretário lia-lhe algumas passagens mais interessantes dos jornais de língua inglêsa. Mas o grande industrial interessava-se também pelos velhos palácios, e, a tal ponto, que graças ao seu oiro, conseguiu salvar alguns dêles. Versalhes e Fontainebleau fôram restaurados a expensas suas, gastando-se nessas obras 80 milhões de francos.

Às 11 horas, consultava o barómetro, a-fim-de ir vêr as flores do seu jardim — uma espécie de paraíso terrestre escondido num recanto da Florida. Para isto era necessário que o dia estivesse suave, um *dia Rockefeller*, como êle dizia, nem frio, nem ventoso, nem doirado por sol ardente.

Ao meio-dia, almoçava frugalmente, seguindo-se uma pequena sésta,

Acabava o dia com um curto passeio de carro, um pouco de *golf* e a leitura das cotações da Bolsa.

Mas não se pense que Rockefeller foi estimado nos seus tempos de faina intensa e exaustiva. Criou inimigos terriveis que tentaram a todo o transe arruiná-lo e inutilizar-lhe as audaciosas iniciativas. Grande foi a sua energia para enfrentar com serenidade os golpes formidáveis que tantas e tantas vezes lhe atiraram com o mais ervado e concentrado dos ódios.

Não se era impunemente o potentado da *Standard Oil Company* — a colossal empresa que abarcava o mundo inteiro, dificultando interesses e impedindo o avanço de muitas ambições.

No entender de vários concorrentes, era necessário arredar o colosso para abrir passagem, assim como quem rasga uma montanha para construir uma estrada acessivel a todos sem excepção.

Toda esta longa vida foi conduzida sem vícios, inteiramente dedicada ao trabalho. É curioso observar que Rockfeller, mesmo nos seus belos tempos de rapaz, nunca fumou um cigarro que fôsse. Não quere isto dizer que fôsse esta abstenção que lhe prolongou a vida, visto haver inúmeros exemplos de tabagistas que morrem centenários.

Nunca bebeu qualquer bebida alcoolica. Compreende-se esta abstenção. Nos seus princípios humildes, Rockefeller não tinha posses nem vida para se deliciar com o fumo e com a bebida.

Depois... quando a fortuna lhe sorriu e podia queimar o tabaco mais caro e beber o nectar mais precioso, não estava habituado... Nessa altura, entendeu — e muito bem — que não valia a pena habituar-se...

Foi esta a vida de Rockefeller que teve as honras de ser o homem mais rico do Universo, e tambem o mais caridoso.

Já agora, não podemos deixar de aludir à sua Fundação que póde ser considerada a sua obra prima como filantropo.

Quando incensaram Carnegie que aplicou 350 milhões de dólares na Fundação que têm o seu nome, o que deveria fazer-se ao grande benemérito que empregou 750 milhões na Fundação Rockefeller?

Devemos ter em conta que, desde 1933, Portugal figura na lista dos países beneficiados por essa instituição.

Este beneficio foi conseguido após uma visita que os delegados da Fundação Rockefeller fizeram aos estabelecimentos sanitários portugueses, a convite das entidades competentes.

Em face, pois, dessa gigantesca obra de protecção à Humanidade que, sob todos os aspectos, o famoso "Rei do Petrólio» empreendeu, Portugal, que não foi esquecido, deve a mais profunda gratidão à memória do generoso extinto.

Um retrato de Rockefeller

Rockefeller, bisavô desvelado e carinhoso

ACTUALIDADES DA QUINZENA

Na Sociedade Nacional de Belas Artes, o professor Arnaldo Ressano realizou a sua segunda exposição de caricaturas em que vincou a sua originalidade. Em todos os trabalhos que apresenta — e são 51 — patenteia a fina observação que já lhe conhecemos, podendo dizer-se que esta exposição suplanta a anterior. A gravura acima mostra o Chefe do Estado, acompanhado pelo ministro da Educação Nacional visitando a exposição. — A' direita: a partida do poeta António Correia de Oliveira para o Brasil, a bordo do «Cap Arcona»

O sr. Presidente da República inaugurando a exposição pró-defesa aérea organizada na Sociedade Nacional de Belas Artes sob a direcção da revista «Defesa Nacional» e incorporada no programa da «III Semana Militar». — A' direita: o sr. general Domingos de Oliveira no seu regresso da Inglaterra onde foi representar a Armada portuguesa nas festas de coroação do rei Jorge VI

Aspecto do palco do teatro S. Luís, onde, perante uma selecta assistência se realizaram os Jogos Florais Luso-Espanhois e que decorreram com grande brilho. As rainhas espanhola e portuguesa entregaram, no fim da festa, diplomas e prendas aos premiados, reorganizando-se o cortejo que atravessou a sala entre ovações

COMEMORAÇÃO DO 28 DE MAIO

A passagem da Brigada Naval em frente do monumento aos Mortos da Grande Guerra. — *Em cima, à direita:* Um aspecto do desfile da "Mocidade Portuguesa" junto do monumento dos Restauradores. — *Em baixo:* A "Mocidade Portuguesa" desfila entusiàsticamente hasteando os seus pendões

AS GRANDES INICIATIVAS

EVOCAÇÃO DA TORRE EIFFEL
E A IMPONÊNCIA DA EXPOSIÇÃO DE PARIS

A Tôrre Eiffel, vendo-se, à direito, as varias fases da sua construção

A Exposição de Paris patenteia uma vez mais, não só o bom gosto francês, mas o espírito prático dêsse povo simpático e curioso que sabe juntar o útil ao agradável.

Vem a propósito recordar a Exposição de 1889, que deslumbrou pela sua originalidade, e cujo êxito foi verdadeiramente formidável. Consultando os jornais da época, verificámos que ocupava uma superfície de 958 572 metros quadrados e que reünia tais e tantos atractivos, que foi visitada por mais de 33 milhões de pessôas.

Notavam-se, sobretudo, a galeria das máquinas com 420 metros de comprimento por 115 de largura e 45 de altura, a galeria de 30 metros e o zimbório central que constituiam verdadeiras maravilhas de construção metálica. Figuravam também as fontes luminosas do engenheiro Bechmann, e que tanto deram que falar. Teve 53.486 expositores industriais e 5.110 expositores para as Belas Artes. Os resultados financeiros fôram satisfatórios, visto que, tendo as despesas atingido 56 milhões de francos, as receitas (compreendidas as subvenções do Estado e do Município de Paris) elevaram-se a 53 milhões. Mas o maior atractivo dessa Exposição foi a formidável Tôrre Eiffel que lembrava uma nova Babel levada a cabo com tôda a segurança.

Vale a pena recordar a história dêsse formidável monumento que, tendo sido aclamada e apupada quando da sua construção, constitui, ainda hoje, uma das mais belas características da Cidade-Luz.

É sempre agradável recordar...

No ano de 1886, o engenheiro Gustavo Eiffel tomou o encargo de construir a tôrre portentosa de 300 metros de altura. O seu nome andava já aureolado de fama após a construção da ponte D. Maria Pia no Pôrto, cujo arco majestoso representava um verdadeiro arrôjo.

Paris diverte-se

O então ministro do Comércio e Indústria, Mr. Lockroy, que era um dos mais ardentes promotores da Exposição de 1889, andava radiante com o projecto, cuja realização constituiria uma obra prima original da indústria metálica francesa. Em 5 de Novembro de 1886, a comissão de finanças concedeu a Eiffel uma subvenção de 1.500.000 francos e a concessão de exploração da tôrre durante vinte anos, a datar de 1 de Janeiro de 1890.

Quarenta desenhadores trabalharam afanosamente durante dois anos no estudo das 15 mil peças diferentes que compõem a tôrre, gastando 5 mil folhas de papel de desenho de 1 metro de largura por 80 centímetros de altura.

Surgiu, nesta altura, uma formidável campanha contra o projecto.

As mais celebradas personalidades das letras e das artes enviaram a Mr. Alphand, director dos Trabalhos da Cidade de Paris, um enérgico protesto que começava assim:

"Nós, abaixo assinados, escritores, pintores, escultores, arquitectos, amadores apaixonados da beleza até agora intacta de Paris, vimos protestar com tôda as nossas fôrças, com tôda a nossa indignação, em nome do gôsto francês incompreendido, em nome da Arte e da História Francesa ameaçadas, contra a ereção, em pleno coração da nossa capital, da inútil e monstruosa Tôrre Eiffel...".

Travou-se longa polémica em que intervieram o engenheiro da Eiffel e o próprio ministro Lockroy.

Entretanto, as obras do "monstro" continuavam ràpidamente. Em Junho de 1887, a tôrre elevava-se já a 100 metros de altura. Dois anos depois, isto é, em 30 de Março de 1889, a obra formidável estava concluida, realizando-se a sua inauguração no dia seguinte.

A Tôrre Eiffel, que tem exactamente a altura de 300 metros e 65 centímetros, pesa 7 milhões e 300 quilos. As suas proporções foram tão perfeitamente calculadas que, para se dar uma ideia a quem interessar, se a reduzissem por mil, ficando com 30 centímetros de altura, não pesaria mais que 7 gramas!

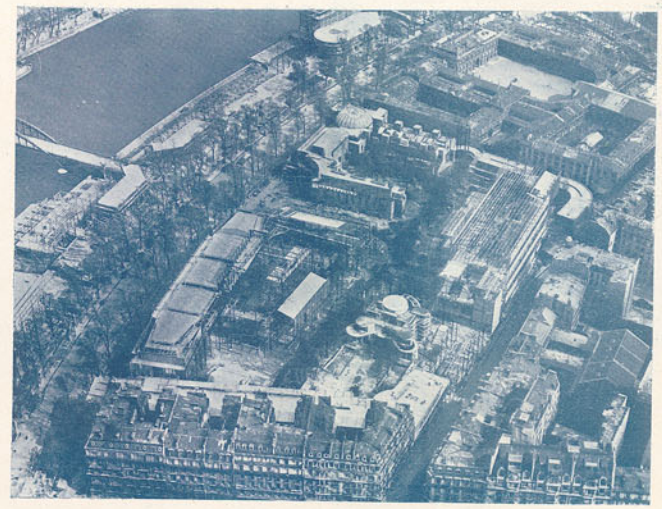
O mais curioso é que, apesar de tôda a sua esbeltesa de agulha, a tôrre é hidrocéfala. No cimo, os engenheiros estabeleceram um reservatório de 20 mil litros de água destinados ao serviço do ascensor Edoux. Foi por êsse motivo que o humorista Cami escreveu um romance intitulado "O mergulhador da Tôrre Eiffel", cujo heroi é o homem escolhido para fazer as reparações necessárias nêste estranho reservatório.

A tôrre teve os seus dias felizes...

Mas os seus numerosos adversários não tinham desarmado. Quando acabou a Exposição de 1900, enviaram uma petição ao ministro, reclamando a imediata demolição do "monstro". Mais uma vez Eiffel teve de defender a sua obra, e com tal ardor, que, ao cabo duma longa e encarniçada campanha, triunfou.

Dizia-se que a Tôrre Eiffel não servia para nada, a não ser para atraír curiosos que levavam dinheiro a um engenheiro videirinho que tivera artes de desanuvear o seu orçamento, ensombrando o ceu parisiense. Ora, isto não era verdade. Os sábios utilizavam-se dêste monumento para as suas investigações: Chauveau para a variação diurna da electricidade atmosférica, Cailletet e Colardeau sôbre a quéda dos corpos e a resistência do ar nos seus movimentos, o astrónomo J. Janssem sôbre o estudo do espectro solar e dos raios telúricos, A. Cornu sôbre a absorção atmosférica das radiações visíveis, e muitos mais.

Gustavo Eiffel



Vista parcial da actual Exposição na margem esquerda do Sena

Mas os adversários de Eiffel não desanimavam na sua campanha. Veio, por fim, a T. S. F. que salvou a tôrre.

Durante a Grande Guerra, a Tôrre Eiffel foi uma preciosa sentinela dos exércitos aliados e a mais valiosa auxiliar dos vencedores do Marne.

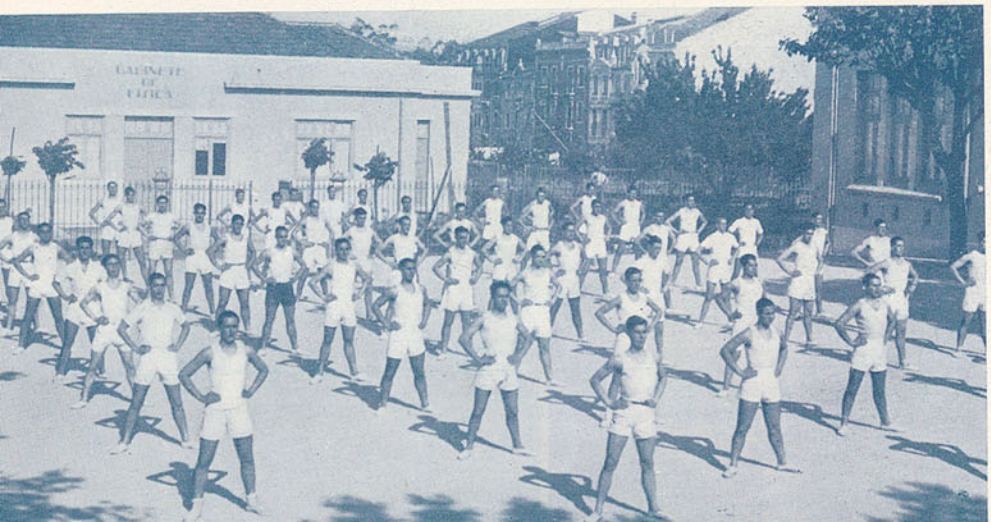
Quando, há cinco anos, foi comemorado o centenário do nascimento do Gustavo Eiffel, o município de Paris mandou iluminar feèricamente durante uma semana a tôrre portentosa que, sendo obra do famoso engenheiro, era também o emblema gracioso da grande capital francesa.

E assim se tem conservado...

Hoje, quem visitar a Exposição de Paris, poderá não ter visto êste ou aquele atractivo, ou admirado esta ou aquela exibição: o que não deixará de vêr, com tôda a certeza, é a majestosa Tôrre Eiffel que continua firme e graciosa como na Exposição de há qüarenta e oito anos que lhe foi bêrço.

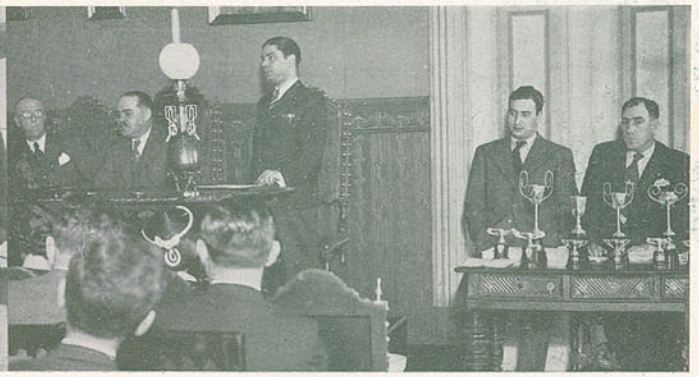
Um curioso aspecto da Praça da Concórdia

A LEGIÃO E A MOCIDADE PORTUGUESAS



Chegada dos legionários do Pôrto. — Um exercício de marcha da Mocidade Portuguesa no Campo de Jockey Club. — Cantis, marmitas e cobertores para os legionários. — O coronel sr. Namorado de Aguiar passando revista aos legionários de Braga. — Exercícios de gimnástica da 1.ª Escola de Graduados da «Mocidade Portuguesa». É nestas duas fôrças — Legião e Mocidade Portuguesas que a Pátria se apoiará para as mais belas realizações futuras. Quem viu desfilar os garbosos macebos na memorável parada de 28 de Maio, compreendeu que a Alma da Raça vibra mais forte do que nunca... E, assim, Portugal viverá mais belo e glorioso.

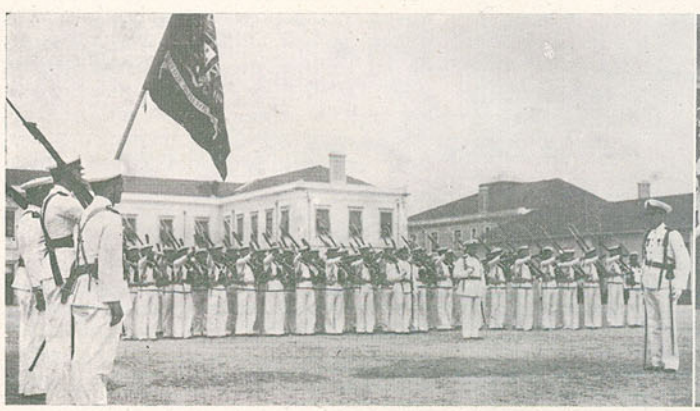
NOTICIAS DA QUINZENA

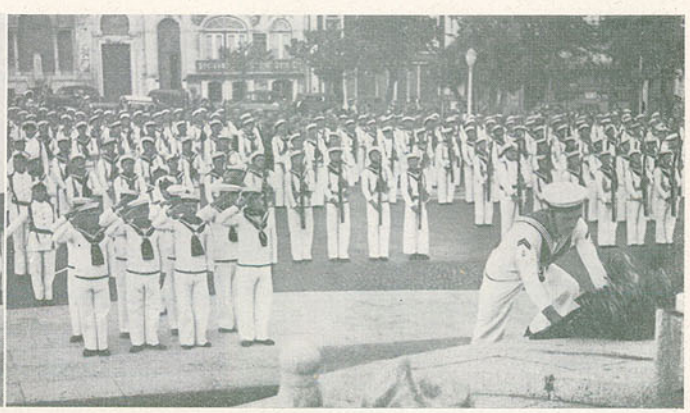


Esteve de visita oficial no Tejo o cruzador grêgo *Averoff* que compareceu na revista naval da coroação de Jorge VI na baía de Spithead, tendo sido o único barco que assistiu também à coroação de Jorge V. Trazia a bordo o almirante E. Economos, comandante em chefe da esquadra grega, e era comandado pelo capitão de mar e guerra K. Contoyannis. A nossa gravura mostra o almirante Economos acompanhado pelo vice-consul da Grécia, sr. Emmanouel Th. Pappamikail, e oficiais, no momento de desembarcar. — A' direita: A mesa que presidiu a sessão solene na Associação Central da Agricultura Portuguesa para a distribuïção dos prémios conferidos na II Exposição das Aves Canoras e Ornamentais. Na presidência o sr. dr. Joaquim Pratas, director do «Notícias Agrícola»

Cerimónia do juramento de bandeira por sessenta e um aspirantes do 1.º ano por ocasião do centenário da Escola Militar. Nessa ocasião foi enviado ao sr. Presidente da República um telegrama de saudação em nome dos antigos e actuais alunos que assim patenteavam a sua fidelidade e fervor patriótico

O sr. Presidente da República presidindo à festa anual da «Revista Militar» para entrega dos diplomas aos sócios efectivos e dos prémios de colaboração «Almirante Augusto Osório» e «Coronel Branquinho». Os retratos dos colaboradores premiados foram colocados na galeria respectiva





Cerimónia do juramento de bandeira na Escola Naval do Alfeite a que presidiu o Chefe do Estado. — A' direita: Os alunos da Marinha dados como prontos da recruta dêste ano prestando homenagem aos Mortos da Grande Guerra. Em seguida os novos marinheiros desfilaram em continência perante o monumento, e seguiu, avenida abaixo, cantando marchas patrióticas entre as aclamações do povo que os acompanhou até o Arsenal

Um docel de bananeiras em Cabo Verde

NA VASTIDÃO ATLÂNTICA

AS ÚLTIMAS VISÕES DA RIBEIRA DOS FLAMENGOS

8 de Março.

LEVANTEI-ME hoje mais cêdo, porque, com o corpo dorido, não podia dormir.

O meu colchão enterra-se nos ferros. Já aí vem Abílio Macedo, o bom amigo, que toma medidas para um cancaran, uma espécie de esteira de cana grossa, que há de meter-se entre o colchão e os ferros.

E passamos à Casa Grande.

Chegam rendeiros, com os seus presentes. As propriedades da Casa Grande são vastas: vão até às cumieiras da Serra da Malagueta. Um dos rendeiros que trás um cabrito, e que é um preto esperto, ainda que se chame Banana — João Dias Banana — apresenta, com os seus cumprimentos, as suas desculpas: só agora soube que o morgado chegara, e, se antes tivesse notícia, logo teria corrido...

Continuam a ser chamados morgados os grandes proprietários, embora não haja mais morgadios.

Agora chegam seis mulheres, endomingadas; quatro são de Cansa-Galinha e duas do Sousa, nas abas da Serra da Malagueta. Tôdas de trajo igual: saia rodada, chambre solto, lenço de ramagens, e panos à volta da cinta, sôbre a saia: as casadas trazem dois panos, um amarrado e outro sôlto. Usam colares e pulseiras de contas de côr, e andam sempre descalças.

Eu sou filho do Povo, neto de cavadores e ferreiros, e, como amo sinceramente os simples, ligo-me fàcilmente com estes humildes de S. Tiago, que sinto da minha família moral, bem mais do que muitos da minha convivência em Lisboa. Será das mais dôces consolações do meu exílio a lembrança da bondade desta gente. Conheço há uma hora êste velho, e já êle me fala da sua vida e me abre o seu coração:

— "Somos muito pobres em Cabo Verde. E há morgados — quantos! — que não têm dó dos míseros. Mas o sr. Abílio não nos explora; paga sempre bem o nosso trabalho. E Mémé é dos nossos; concerta tudo muito bem comnosco.

Ambos são justos; cortam sempre pelo direito. Dizem que é preciso trabalhar, porque também êles trabalham: está muito bem. Se não trabalhássemos, como havia de a terra produzir?"

E, depois dum silêncio, em que passa uma sombra de apreensão: — "Mas Deus nos dê chuva! Deus nos dê chuva!"

Evoca o Altíssimo, num quási grito de aflição.

E eu, como se tivesse mandato divino, prometo-lhe para êste ano chuva abundante e bôa colheita!

— Em Junho já choverá...

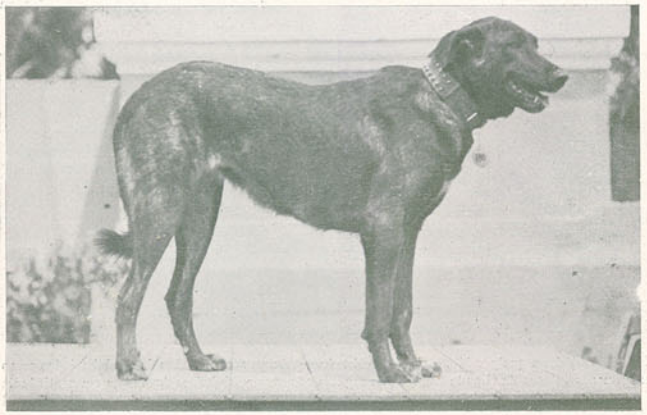
— Nosso Senhor o oiça!

Vêr-se-á que ouviu...

Vamos agora dar um passeio a cavalo.

Entramos no leito pedregoso da Ribeira. Á direita fica a Fazenda. Á esquerda abre-se o valesinho do Chocaíldo, coberto de cana de açúcar; aqui e além pequenos macissos de café, linhas de goiabeira e de pinha. Aos *Dois Tostões*, a mandioca e a cana sobem em socalcos nas vertentes, como a vinha no Douro. A Ribeira aparece agora com água abundante, porque a corrente, constrangida nas cheias pelos rochedos, escavou aqui o leito. Vê-se bem que em todo o seu percurso há um lençol de água: basta profundar o solo alguns palmos para se encontrar.

O Piloto da Casa Grande



Desviámo-nos por um caminho à esquerda; quebramos agora à direita, atravessando pelo Covão.

Tomamos pelas terras, sôbre a ribeira da Chaminé, que se ajunta à dos Flamengos. Seguem-se as ribeiras de Godim e de Banana.

A ribeira de Godim tem ricas várzeas, com plantações de cana, de mandioca e de bombardeira. Á esquerda fica a Achada do Laranjo.

Avista-se a serra de Malagueta, que é sempre, a norte, fundo do quadro. Até lá, correm para o Oceano a Ribeirêta, que nasce nos montes Bode e Cerrado, a Ribeira de S. Miguel, e a ribeira Principal. Para sul da ribeira dos Flamengos, há uma corda de montes; de oeste para leste: Pingo de Chuva, Milho Branco, João Vidal, Castelo dos Saltos, Monte de Asno, Fortaleza e Chã de Mato.

Vem, a seguir, a Ribeira do Salto. Depois, Monte Cabra e outras elevações, até á Achada de Burbur; logo a ribeira de Boaventura, que desagua ao Coqueiro.

Ainda outras montanhas, e, além do Jalalo, é a Ribeira dos Picos que cai ao mar em Pedra Badejo...

Avançamos sempre pelas terras de amanhadio, até à ribeira da Cansa-Galinha.

A soalheira aperta. Acolhêmo-nos, de quando em quando, às melhores sombras: as das figueiras bravas, das mangueiras, das laranjeiras.

Há abundância de água de rega; mas Abílio diz que há muitas *águas perdidas*. E quer explorar nascentes, muitas nascentes, fontes de vida que resgatem a ilha das assolações periódicas do clima sahariano!

Êste Abílio de Macedo, português de quatro costados — tem muito de *yankee*, na sua ânsia tumultuária de criar riqueza, de ter riqueza, de espalhar riqueza. É a primeira vez que me ligo de amizade com um homem assim...

* * *

Ao caír da tarde, vamos ao encontro dos novos hóspedes da Casa Grande.

Passamos pelo pequeno povoado de Pedra Cerrado. Enseadas de verdura, cana de açúcar e mandioca, com laranjeiras, bananeiras e grandes cafèzeiros dispersos através das plantações e junto dos casais.

Encontramos à porta dum cabanal um moço negro, moribundo. Morre tísico, contaminando tôda a família. Não será possível isolar estes desgraçados num hospital? A tuberculose e a lepra são aterradoras doenças em Cabo Verde.

No Apertado sentámo-nos, um pouco, só para contemplar as águas que aqui encontram uma reprêsa natural. São duma limpidez cristalina; limos desprendem a sua cabeleira verde-oiro no fundo de areia ondeante.

Esfusiam em giro incessante, abaixo e acima, em seguido vôo, os *cavalos de feiticeira* — são os *tições de inferno* da minha Beira! — e, a veio, deslizam os *donos de água*, de côr brônzea, e as aranhas e baratas de água.

Nas margens do Ribeiro de Flamengos e do Ribeirão Gato, que desce do norte e aqui conflui, há muitas plantas. Côlho algumas: — bibiaca (que parece *stramonium)*; brêdo (fêmea, sem espinhos, e macho, mais sôbre o rôxo e com espinhos); pepinos de rancho ou de macaco (que se comem, tirando as sementes); uva cachôrra (duas variedades, branca e rósea); mata-purga (que parece crista de galo); má-raça (semelhante à borragem brava); charuteira (herbácea, de flor amarela); tanchaco (que se toma em infusão, como depurativo); ourégão ou palha-fede; cardo-santo, de flor amarela, cuja raíz é febrífuga; o agrião; e tantas outras: barnelo, erva de S. João, erva de Santa Maria, erva da Senhora de Pé, erva de pega-saia, erzibô, alegrão, grama, rabaça, palha de pastor, palha-leite, palha-carga, barba de bode, marroio branco, lacotano, beldroega, maracasse, ouri, manjericão, que cresce a mais de um metro de altura, baforeira (rícino), solani, que parece uma acácia sem espinhos, debruçada sôbre as águas, e as trepadeiras — a maranganha e o lakakan...

Muitas destas plantas são medicinais, aproveitadas pelos indígenas. Quem estudará, um dia, a flora de Cabo Verde?

Quando sentimos o tropear dos cavalos, emboscamo-nos nos caniçais. Descuidados, Sá Cardoso e Helder Ribeiro com a espôsa vem conversando.

De repente, estralejam foguetes: é a manifestação iminente!

Saímos ao seu encontro — Macedo, Cortez, Mémé e eu; avança, solene, o preto Paulo, que vai ler uma alocução, em estilo gongórico, adequado à gravidade da cerimónia... Começava: — "Quando António de Nola e Brito Camacho aportaram à ilha de S. Tiago..." — mas, ao estrondear duma nova girândola festiva, espanta-se o cavalo de Sá Cardoso, e cai por terra o cavaleiro...

Nunca o preto se consolará de não ter levado a cabo a leitura da famosa mensagem, em cuja composição havíamos lidado todo o serão da véspera. Eu fôra o ensaiador de Paulo: a certa altura, havia a palavra — metrópole — e querendo eu que êle pronunciasse — metròpóle, não o consegui: o preto assombrava-se da minha ignorância...

Um monte que foi um Tabor de saudades

À noite, em honra dos novos hóspedes, faz-se batuque. Um velho guiné, alto e magro, de grandes bigodes e intonsa carapinha, toca cimbó, instrumento prodigioso duma só corda. Parece impossível que de tão simples arranjo as arcadas dum rústico arranquem tanta melodia!

Veio muita gente das póvoas próximas.

Doze cantadeiras estão sentadas no chão, apertando entre os joelhos um saco ou taleigo; e, batendo neste, acompanham o canto, que ora é a solo, ora em côro.

A dança, se dança pode chamar-se, é executada por um só par: mulher e homem frente a frente, tocando-se os corpos em contínuas mímicas sexuais, cantando e meneando os quadrís, e de repente, parando e repuxando as nádegas, numa tão forte, tão instantânea concentração de energia muscular, que dir-se-ia fundida em rijo bronze tôda a massa glútea por um espasmo supremo — todo o resto do corpo imóvel, paralizado do transe vital fulminante.

E o canto, violento, profundo, largo — canto aiado, trémulo, ritmado de soluços, liando, como num vago sorrir de lágrimas, o Amor e a Morte — monótono e suavíssimo, enche todo o vale de melancolia nostálgica.

Na noite, sem luar, as fogueiras espalham clarões sanguíneos. Quadro belo, de sabor bárbaro, evocando a remota ascendência indígena, que recua até ao interior de África, ao sertão intérmino, a visão gentílica!

O batuque dura ainda, aos primeiros alvores da manhã.

Ouço a última toada, em crioulo:

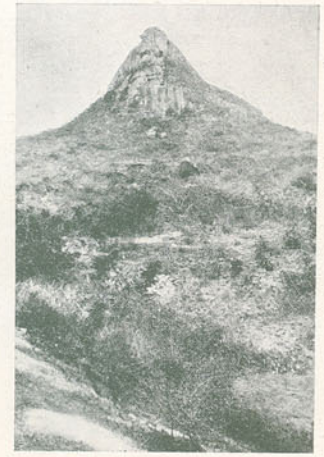
Nós já subimos a encosta...
De emoção
A minha voz fica rouca,
Quando beijo o Sol e o Ceu
Na tua boca...

É a voz do admirável velho, que tocou sem cessar, no seu cimbó — dez horas seguidas!

9 de Março.

No meu quarto da Chã... É a poucos passos da Ribeira, a moradia antiga, térrea, em que há pouco se soalhou êste quarto, ainda de telha vã. Dum dos caibros está suspenso, em moldura rica, um retrato a côres. É do filho da casa, que está

Uma linda vista de Cabo Verde



nos Estados Unidos da América do Norte. Sôbre uma mesa redonda, encostado a uma porta de comunicação, fechada, há um quadro, com a imagem de Santa Catarina. E outros, pregados no rebôco: S. João Baptista, menino, abraçado ao cordeiro místico; o Senhor do Mundo, com dois devotos aos pés; e Cristo no Horto...

Perto da janela, um rèclamo do comerciante *Jack Costa — Providence*, com a divisa patriótica: — *Prosperemos com a fama da nossa bandeira*. É a bandeira portuguesa, empunhada no cartaz por uma linda mulher?!...

Ocupam, comigo, êste quarto o general Sá Cardoso e o coronel Cortez dos Santos.

O general dorme, ainda. Tem no rosto uma ingénua suavidade, e, na placidez do repouso, dir-se-ia que um halo de santidade doura a sua cabeça encanecida.

Não sei porquê, sinto-me aflito, como se o general estivesse para morrer: é um mixto de amor, de piedade e de revolta!

Mas, felizmente, acorda; e, como desviei os olhos para o cartaz, é sorrindo que me increpa: — Com que então, sempre contemplando a linda mulher!

O terrado da Casa Grande está cheio de bois, de cavalos, de machos, de mulas, de burros, de porcos e de cabras.

É uma feira? Não: foi o *varejo*, que encontrou todos estes animais, pastando nas terras do *morgadio*, fora dos limi-

O Baltaodjan da Casa Grande

tes dos donos, arrendatários, estragando plantações.

Procede-se aos julgamentos: aplicam-se multas pouco pesadas. E Abílio, depois dos laudos, perora: — Assim se obrigarão a respeitar o alheio. Se todos, como tanto lhes tenho aconselhado, houvessem colhido as palhas no tempo, já se não dariam casos dêstes.

Mas chega, retardatária, uma esbeltíssima rapariga, que tange uma burra e um burrinho. Vive com o seu homem no Apertado, e diz que êle não poude vir, porque deu uma quéda.

O burrinho brinca à volta da sisuda mãe. É um burrinho negro, todo peludinho. Encosta, sentidamente, a cabeça à burra, quando vê que a dona vai levá-la para o tribunal, puxando com fôrça pela arreata. O burrinho já não pula; olha tristemente os montes; solta um zurrinho débil; chora — que tem sua mãe prêsa...

Interesso-me pelo animalzinho: chamo Abílio de parte. E ouço logo Memé o comproprietário: — Maria é *drêta;* presta bom serviço; reconhece a culpa; está perdoada.

Excelente Memé!

E lá vão levados — o burrinho, a sua sisuda mãe e a esbeltíssima rapariga...

Fino é o preto do Apertado: mandou Frineia aos juízes!

Depois do almôço, vamos através da Várzea, que se estende da Casa Grande até Ribeirão Gato, rica de plantações de cana e de mandioca.

Goiabeiras e cajueiros dividem os talhões.

Noto pequenas árvores, muito viçosas, de flor amarela, papilionácia: — É feijão Congo — informa Abílio Macedo.

Surpreendente esta leguminosa: uma árvore que dá feijão! Nos anos maus, em que falta a chuva, é um bom recurso.

Nos bardões, pinha; nas motas, sôbre a Ribeira, laranjeiras e cafèzeiros da Libéria. Enlaçam-se aos ramos dos arbustos a lakakam de cabra, com as suas rôxas flores gamopétalas, semelhantes às da corriola, e a *San Quêtan* ou balsamina, cujo fruto é amarelo torrado, e abre naturalmente na maturação, deixando vêr as sementes, carnudas, vermelhas.

A meio da propriedade, está o *tancão:* um boi do Senegal tira água para a rega.

Entre enormes penedos soltos, fica, perto, um grande docel de bananeiras: é um refúgio contra a calmaria.

Nêstes dias de Março, as manhãs e as noites são frescas; mas, do meio dia à meia tarde, a brisa cessa, e já o calor aperta.

Desde ontem que o céu se toldou: correm nuvens, em direcções opostas, sobrepondo-se.

Sentamo-nos nos bordos da corga — e afundamo-nos em silêncio e sono...

Desperta-nos Miguel Sanches Correia (Mano), que nos traz três galinhas de mato. Acompanha-o o preto Chinho, que tem o seu milando a resolver. Abílio decide contra êle, determinando que entregue a Belchior as terras que lhe tomou, quando, no último ano da fome, foi para S. Tomé. Belchior tinha beneficiado muito as terras, e é justo que se lhe restituam; mas pagará a Chinho alguma cousa — *resgatando* a fome!

Não percebo bem esta composição com o ladrão...

Chinho é um grande discursador e alega interminavelmente. O morgado fecha a audiência, exprobando-o:

— Palras mais que trabalhas...

E a um preto, que espiava a cena, e se aproxima:

— Porque não vieste, quando te mandei chamar?

— É que minha mulher está no ninho...

O que quer dizer que acabava de parir.

Regressamos. Converso com Memé, sempre disposto a perdoar aos da sua raça, o que me parece espantoso num preto abastado... Fala das virtudes da pobre gente dêstes sítios, tão resignada na sua miséria. Eu pregunto:

— E não roubam?

— Roubar, não. Furtam...

E aponta-me, nos pontos mais altos, cabanas colmadas, *fincapés,* que servem de casas de guarda.

Junto dum dêstes fincapés, está uma acácia de flor branca, a que chamam *acácia de Caiumbra,* por ter vindo dessa freguezia. O gado come muito bem a sua folha, em verde e em sêco. Parece ter sido introduzida em Cabo Verde por um grande proprietário de S. Tiago, o major Carvalhal, português de Trás-os-Montes, há quarenta anos.

10 de Março.

Chegamos ao Valeiro.

Que desolação! A fonte secou.

O génio silvestre escondeu a divina linfa, punindo a audácia do homem?

Mas Abílio não desanima; invoca o seu Deus, dominador das riquezas: a brisa levanta-se; sôbre o môrro de João Vidal correm núvens; a passarinha canta... Bom agoiro!

A picareta corta a penedia, a marreta tritura, a enxada cava, e a pá vai atirando fóra os detritos da rocha e a terra. A água brotará, de novo? Deitado a meus pés, o *Baltaodjan* (tu hás de ver-me), com o focinho virado para a fonte, e as patas adiante do focinho, interessa-se — escuta, vela. *Piloto,* outro cão da Casa, vai aqueivar as cabras, que se empinam, desgarradas, pelos rocais.

Baltaodjan socorre *Piloto,* e reconduzem o rebanho, filando pelo pescoço as mais recalcitrantes.

Já a água remanesce...

Abílio manda buscar alavancas. E incita os escalões de trabalhadores:

— *Home que trabadja, home que ê alguen drêto!*

Fala-lhes de Portugal, do espírito laborioso dos brancos.

Os pretos ficam sérios, despicados, mas param a ouvir...

— *Bá, trabadja!* comanda.

E êles recomeçam *trabadjo drêto...* como os brancos de Lisboa!

Borboletas de oiro volitam; a passarinha canta.

As alavancas ferem a rocha, compassadamente, mas vivamente. E, ao desmontar uma pedra, a água jorra...

Os deuses foram propícios. A torrente, ainda turva, corre pelo valeiro.

De contente, *Baltaodjan* — ladra!

Tôda a tarde a levo, a ler, no meu quarto da Chã.

Ao pôr do sol, passeio, sòzinho, ao longo da ribeira.

Soam as *Avè-Marias.* Rapidamente, uma doce luz, oiro e pérola desmaiando, envolve os cimos; a brisa estremece nas folhas versáteis dos altos coqueiros.

Os bois passam, em fila, mugindo...

O fundo magnético da minha alma adormenta-se na envolvência crepuscular da Natureza.

E, de todo, a luz esmorece.

Depois, na escuridão, uma estrêla desponta. E outra, e outra... Quando chego a casa, no céu radiam tôdas as constelações... Só tu, ó minha estrêla, não brilhas no horisonte da minha vida; só tu me faltas na apoteose astral desta noite silente, ó minha estrêla bem amada!

Lopes d'Oliveira.

HUMORISMO

CERTO inglês narrava numa sala, que, numa, noite de temporal, estando a tomar chá muito sossegadamente com a espôsa, caíra um raio sôbre a infeliz senhora, reduzindo-a a pó.

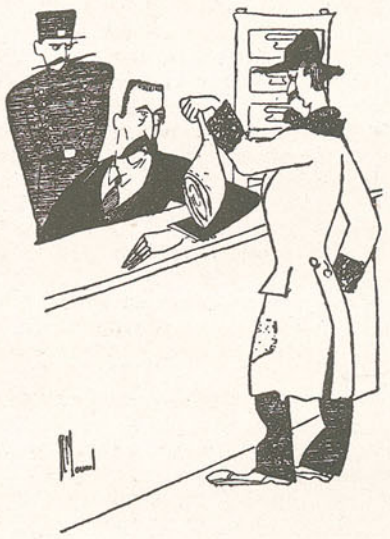
— Jesus! — exclamou uma senhora, horrorizada — e o que fez o senhor depois?

— Chamei um criado — disse o britânico com a maior fleugma — e disse-lhe: — John, varra mylady!

■

Querendo Roberto Walpole, ministro da Inglaterra, fazer passar um *bill* importante, foi procurar o arcebispo de Canterbury, e pediu-lhe depois de lhe haver revelado o seu projecto, que simulasse uma doença perigosa.

O prelado, convencido da utilidade do disfarce, cede ao pedido do ministro, me-



— Senhor comissário, encontrei êste presunto...
— Bem, deixe ficar. Se daqui a trinta anos não aparecer o dono, pode vir reclamar o achado.

te-se na cama, e tão bem foi dirigido o negócio por um médico que entrava no segredo, que não tardou a espalhar-se o boato da sua morte próxima e inevitável.

Fixaram-se logo, como seria de calcular, os olhos de todos os bispos na belíssima séde que ia ficar vacante, e todos se mostravam afectos ao govêrno para a obter.

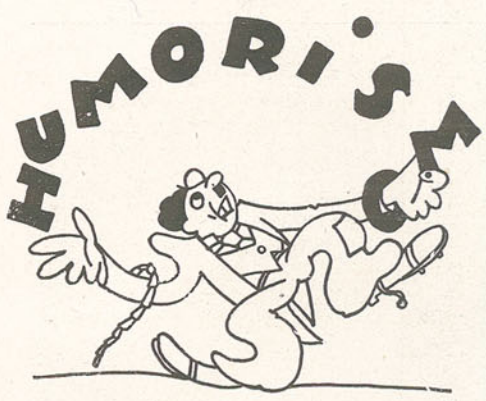
O *bill*, proposto nesta ocasião, passou por grande maioria... e o arcebispo restabeleceu-se dias depois.

■

Um pateta com pretensões a espirituoso, encontrando-se com um amigo, sai-se com esta:

— Ora viva! Muito folgo em vê-lo! Tinham-me dito que o meu amigo tinha perdido o juizo!

— Pois a mim disseram-me que você o tinha achado... Se calhar era o mesmo intrujão!



Um indivíduo de péssimos costumes decide-se a fazer o testamento, começando a ditá-lo nos termos seguintes:

— Deixo a minha alma a Deus...

— Eu cá ponho — retorquiu o tabelião — mas duvido muito que o legado seja aceito.

■

Um sujeito a quem preguntaram que tal achava certa dama muito pintada que passava, respondeu com a maior indiferença:

— Nada posso dizer. Eu, de pinturas, não entendo nada.

■

Na bilheteira duma estação de caminho de ferro:

— Um bilhete de segunda classe, de ida e volta.

— Para onde?

— Essa agora?! Se lhe peço de ida e volta, é para aqui outra vez.

■

— O' mamã, já sei o que lhe hei-de dar no dia dos seus anos...

— Então o que é, Antoninho?

— Uma caixa de pó de arroz.

— Mas eu já tenho uma muito linda, tôda em cristal.

— Bem sei. Mas essa parti-a eu há bocado.

— Minha senhora, já não há vinho no garrafão.
— Podia ter dito isso há mais tempo.
— E' que há bocadinho ainda havia...

A um basbaque, que parára a vêr passar um enterro, preguntou um outro que se lhe acercou:

— Quem é o morto?

— Eu cá não sei bem. Mas parece-me que deve ser o que vai dentro do caixão.

■

Estando Canuto, rei de Inglaterra, numa praia espalhando os olhos pelas aprazíveis lhanuras do mar sereno, um fidalgo, dos que ali se achavam, lhe disse:

— Oh! bemaventurado tu, rei, que dominas o mar e a terra.

— Quero — respondeu êle — fazer experiência do meu domínio que tanto exaltas.

E, logo, chegando-se para onde a maré vinha estendendo a sua jurisdição com

— Belo retrato o da sua defunta esposa. Só lhe falta falar.
— Se falasse, já eu tinha enviuvado outra vez!

sucessivos aumentos, disse, falando com as ondas:

— Mando-vos que não chegueis aqui, nem vos atrevais a ofender-me.

Apenas tinha posto o fingido preceito, quando, quebrando-se na praia uma onda mais soberba, o salpicou todo, deixando-lhe os vestidos mal parados, e o lisongeiro corrido de vergonha.

■

Numa aula:

— Qual é o tempo em que se deve apanhar as laranjas?

— Quando o feitor dorme, e o cão está preso.

■

— Que horas tens? O meu relógio está muito atrazado...

— Pois o meu tambem, e muito... Nem podes fazer ideia!

— Em quanto?

— Em três meses numa maldita casa de penhores.

Galeota real, chamada «The Queen's Shaloop», construída em 1689 para a rainha, mulher de Guilherme III

A RAINHA

O Museu Na inaugurado

com a assistência

Há dias, o rei Jorge VI de Inglaterra inaugurou em Greenwich o Museu Naval Britânico, cuja falta não podia ser tolerada pelo legítimo orgulho dos inglêses.

Esse almejado "The National Maritime Museum» surgia, finalmente!

Acompanhado pela raínha, num sumptuoso cortejo fluvial em que figuraram as galeotas reais que tanto lembram as nossas, o soberano dirigiu-se a Greenwich, a-fim-de dar realização a essa aspiração ardente nascida há mais de um século, e que tinha por fim ostentar aos olhos de todo o mundo a consagração documental do poder britânico sôbre os mares.

A cidade de Greenwich, ficando a 10 kilómetros a jusante da ponte de Londres, e sendo um subúrbio da capital, gosa duma vida municipal distinta com os 80 mil habitantes. É ali que se encontra o famoso Observatório construido em 1676 sôbre uma colína que domina inteiramente a cidade. Como é sabido, o meridiano de Greenwich foi escolhido pela Inglaterra e pelas suas colónias como meridiano inicial, tendo sido adotado, pouco depois pelas marinhas dos vários países do Mundo. É, em suma, um grande meio que se recomenda pelo seu esplendoroso parque com uma área de 70 hectares, desenhado nos tempos de Carlos II pelo célebre Lenôtre, e onde existem os colégios navais. (Royal Naval College e Royal Naval School) que encerram uma preciosa galeria de quadros de assuntos marítimos, entre os quais um retrato a ólio de Vasco da Gama, pintado por um artista português e uma colecção de modêlos de embarcações.

Ali se encontra, entre os castanheiros seculares, a cuja sombra vivem veados e corças, o Palácio Tudor, onde nasceram Henrique VIII e a raínha Isabel, um palacete edificado para habitação das raínhas Ana de Dinamarca e Henriqueta de França, espôsas respectivamente de James I e de Carlos I. E' nêste palácio que ficarão expostas, por ordem cronológica, as tapeçarias, as pinturas, os desenhos, os mapas e quaisquer documentos que digam respeito à marinha inglêsa.

Não poderia ter sido escolhido melhor ponto. Greenwich possui também um palácio, construido em 1670 por Cristovão Wren, e que serviu, em tempos, para alojamento dos inválidos da armada britânica. Em algumas das salas dêste asilo existia um verdadeiro museu de glórias navais da Grã-Bretanha. Portanto, a escôlha de Greenwich não podia ser mais acertada.

O Museu, agora inaugurado, interessará artistas, estudiosos e simples curiosos, tendo anexa uma copiosa livraria sôbre a especialidade.

Nas várias salas e galerias que conservam a grandiosidade de outras eras, se alinharão os modêlos de embarcações, de navios de guerra de diferentes épocas, além de estimadas lembranças, como a farda que Nelson envergava na batalha de Nilo, e aquela com que a morte gloriosamente o surpreendeu na de Trafalgar.

Interior do camarim da galeota real construída em 1732. No tecto figuram as armas da Raínha Vitória

Vista geral do «National Maritime Museum», em Greenwich, vendo-se no centro e no 1.º plano a «Queen's House» de Inigo Jone's, no século XVII, agora restaurada e ligada, pouco depois da batalha de Trafalgar, por colunadas, com os dois palácios mais modernos. No fundo: *A floresta, o observatório e o Palácio Tudor, onde nasceram Henrique VIII e a raínha Isabel*

Entre os quadros expostos figurarão dois que mais particularmente nos dizem respeito: O primeiro é uma pintura a ólio muita antiga, de pintor desconhecido, reproduzindo as nossas caravelas do século XVI, nas quais se destacam as bandeiras brancas com a cruz de Cristo. O segundo, atribuído a Stoup, mostra a evacuação de Tanger e a destruição do respectivo cais quando, em 1684, a Inglaterra, cansada das lutas contra os moiros, se resolveu a abandonar aquela praça que vinte e dois antes recebera no dote da raínha Catarinha, filha de D. João IV, de Portugal, quando casou com o rei Carlos II.

Não foi feliz êsse noivado sob o ponto de vista conjugal, mas contribuiu para estreitar mais a nossa aliança com a Grã-Bretanha.

As desditas da pobre princesa Catarina de Bragança pouco ou nada influiram na vida nacional. Em compensação, outro casamento efectuado dois séculos, antes, em circunstâncias idênticas, deveria trazer a Portugal as maiores vantagens. Queremos referir-nos ao casamento de D. João I de Portugal com D. Filipa de Lencastre.

Se o reinado do monarca de Bôa Memória constituiu um período de prosperidade para Portugal, a D. Filipa de Lencastre deve em grande parte. O carácter do bastardo de D. Pedro I que, por uma questão de conveniência, não hesitaria em desposar a viuva de seu irmão, D. Leonor Teles, foi consolidado para grandes feitos pela rigidez de costumes da espôsa que escolheu. Se até os beijos furtivos, roubados às aias na solidão dos arvoredos de Sintra, eram "por bem»...

Quem nos deu a pleiade gloriosa dos filhos de D. João I.

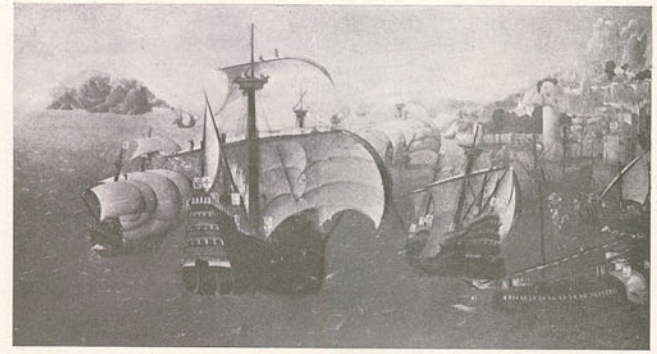
E', pois, com satisfação que registamos a inauguração do Museu Naval Britânico, em cujas salas figuram recordações imorredoiras dos feitos portugueses.

Ao sr. barão de S. Maduro, que teve a gentileza de nos enviar as preciosas informações que acima damos, o nosso profundo reconhecimento.

DOS MARES

val Britânico em Greenwich

do soberano inglês

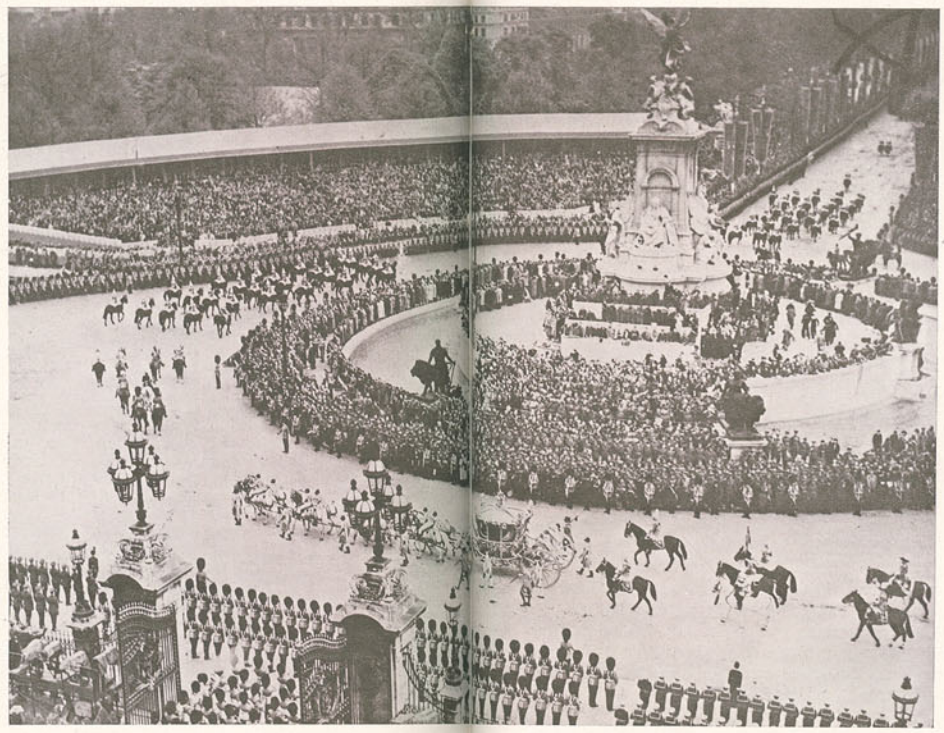


Carracas portuguesas no Mediterrâneo, no século XVII

A evacuação de Tanger e a demolição do cais

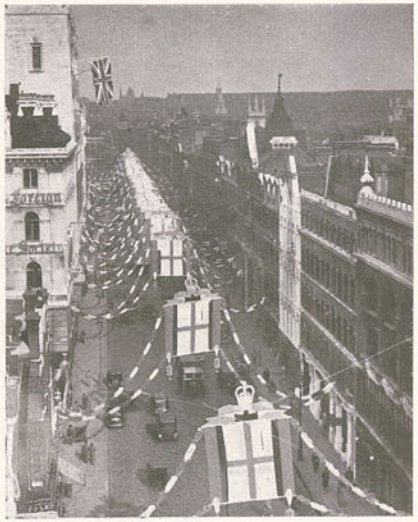
A COROAÇÃO DE JORGE VI

Um aspecto da coroação do rei Jorge VI na Abadia de Westminster em tôda a sua magnificência muitas vezes centenária



O cortejo desfilando em frente do Victoria Memorial, vendo-se o côche real conduzindo os soberanos ao palácio de Buckingham
EM BAIXO: *O tradicional côche real que conduz os soberanos durante as festas da coroação*

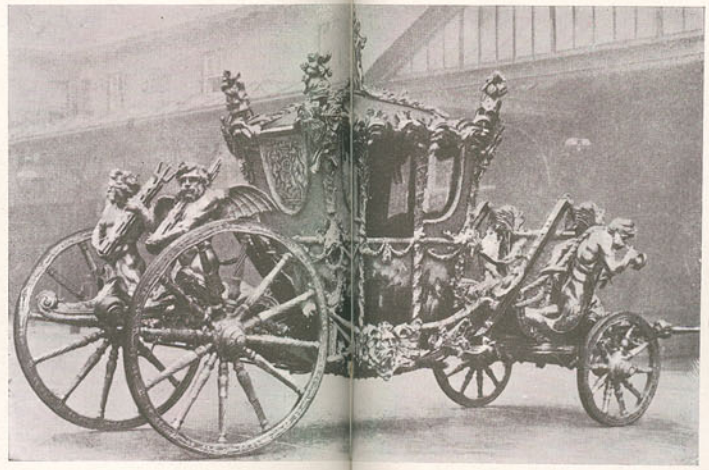
O desfile das bandeiras dos Domínios em tôda a sua grandeza que bem patenteia a fôrça e extensão do Império Britânico



← *A rua da Rainha Vitória, em Londres, garridamente ornamentada para dar passagem aos soberanos durante as festas da coroação*

Uma rua típica dos bairros populares do East End de Londres, artisticamente decorada durante as festas da coroação →

Outro aspecto da coroação do rei Jorge VI na Abadia de Westminster, segundo a rígida e imutável tradição britânica ↓



A polícia canadiana montada passando o Arco do Almirantado no meio das entusiásticas aclamações da multidão ↓

Stanley Baldwin e sua esposa

COMO SE FAZ

STANLEY BALDWIN

Um talento que levou tempo a manifestar-se

O nome de Baldwin era inteiramente desconhecido da política britânica há quinze anos, e dêle se diz que é o político menos competente e o estadista mais hábil. O segrêdo da sua fôrça reside na confiança, que o seu carácter honesto inspira. Stanley Baldwin não é extraordinàriamente inteligente nem extraordinàriamente enérgico; os seus detractores acusam-no de indolente e tem a habilidade de aparentar de *dilettante* ou artista amador num drama em que é actor de profissão de primeira ordem. Tem actualmente, setenta anos e nunca ninguém o viu exaltado. É forte no físico, ponderado no espírito, sóbrio. Baldwin é, no seu conjunto, a perfeita imagem e a figura mais representativa do tradicional John Bull.

Nasceu no Condado de Worcestershire em 1867, cujo círculo eleitoral representa na Câmara dos Comuns, do Parlamento Britânico. Seu pai, Alfredo Baldwin, estava à testa de uma grande companhia de caminhos de ferro, e era o chefe de uma das maiores emprêsas metalúrgicas da Inglaterra, que girava sob a firma comercial de Baldwin, Ltd. A família tinha fundado essa emprêsa e tinha-a dirigido (e continua a dirigir) desde meados do século XVIII. A mãe de Stanley Baldwin era de origem escocesa e o pai nascera no país de Gales. O avô do lado materno foi sacerdote de uma das muitas modalidadas religiosas que se ramificam no protestantismo do Reino Unido, e escreveu repetidos folhetos de propaganda contra o alcoolismo.

Uma irmã dêste sacerdote era casada com o pintor prerrafaelista Burne Jones, e outra foi a mãe do conhecido escritor Rudyard Kipling, o qual é, portanto, primo de Baldwin. Baldwin conta o seu insucesso na Universidade de Harrow, no exame do seu quarto ano, e diz, em artigo que contém parte da sua autobiografia, que se conformou fàcilmente com o seu desastre, ao saber que quatro figuras das mais distintas da vida pública da Inglaterra, haviam sofrido o mesmo desgosto. Da Universidade de Harrow transitou para a de Cambridge, onde igualmente nunca passou de um estudante muito banal. Depois de obter os seus graus universitários, sem qualquer especial menção, entrou para a administração das grandes oficinas metalúrgicas da família, onde se demorou cêrca de vinte anos, sem que, durante êsse longo período, tivesse pronunciado qualquer discurso de carácter político ou que a sua actividade se tivesse manifestado na vida pública do seu país. Em 1908 faleceu o pai deixando vago o seu lugar de deputado no parlamento, que ocupara desde 1892, e Baldwin, filho sucedeu ao pai no cargo, após uma eleição pouco renhida.

O seu primeiro discurso na Câmara foi pronunciado ao cabo de quatro meses de silêncio, a propósito da lei de oito horas de trabalho para os mineiros. Nos seus primeiros cinco anos de deputado apenas pronunciou cinco discursos. Foi Bonar Law, político inglês, em volta de cujo nome se fez muito barulho e hoje está um pouco esquecido, que ao subir ao poder nomeou Baldwin seu secretário particular para assuntos parlamentares, e, segundo se diz, porque Bonar Law o considerava suficientemente honesto para não intrigar contra o seu chefe, e não suficientemente inteligente para intrigar em seu próprio favor.

Em 1917 foi promovido a Secretário do Tesouro, posto que é considerado como o limiar da porta que dá ingresso ao cargo de ministro de Estado.

Depois da Grande Guerra deu-se um incidente que atraíu as atenções do público inglês para o nome de Baldwin. Êste escrevia uma carta ao periódico londrino "The Times„ em que anunciava a disposição em que se encontrava de contribuir com a quinta parte da sua fortuna a favor do Estado. A carta era anónima, e ia assinada, apenas com as três iniciais F. S. T., que mais tarde se soube corresponderem às palavras Financial Secretary of the Treasury. Era a carta acompanhada de um bilhete de Baldwin em que recomendava ao editor do jornal o seu desejo de conservar-se anónimo. Era destinada à publicação e em termos interessantes, que valem a pena ser conhecidos:

"Sir: É hoje um truísmo afirmar que a nação se encontrou em 1914 em face da crise mais crítica da sua história. Salvou-se devido ao sacrifício dos seus filhos Os seus homens mais válidos aglomeraram-se em torno da bandeira; as suas mulheres mais distintas ofereceram energias e vidas; os velhos de novo se entregaram ao trabalho, e tôda a Nação se uniu num esforço de solidariedade, como nunca antes se tinha manifestado. É possível que tenham surgido desilusões após êsses quatro anos de esforços mas a impetuosidade da Nação durante os primeiros dias não desanimou nunca. Hoje, em vésperas de paz, levanta-se uma outra crise talvez menos aparente mas não menos pungente. O país está exausto e o erário público está à beira do abismo. É fácil viver de empréstimos, mas é difícil calcular o perigo que êsse expediente representa.

.....

UM ESTADISTA

STANLEY BALDWIN

tempo a manifestar-se

"Como convencer a Nação da gravidade da nossa situação financeira?

Como convencê-la de que o amor da Pátria vale mais do que o amor ao dinheiro? Creio que seja necessário o exemplo para convencer; as classes opulentas têm neste momento uma oportunidade para prestar um serviço à Pátria, que talvez nunca mais se repita. Conhecem essas classes o perigo que a nossa dívida representa, e o perigo que ela ameaça no futuro? Todos nós hoje nos devemos impor um tributo voluntário, cada um na medida das suas possibilidades. Se assim procedermos, considero possível a entrega no tesouro dentro do espaço de 12 meses de uma soma tal, que venha a aliviar o contribuinte do pagamento de cinqüenta milhões de libras anualmente. Dei um balanço à minha fortuna tão aproximadamente quanto possível, e cheguei à conclusão de que sou dono de 580.000 libras. Decidi realizar vinte por cento dessa soma, ou sejam 120.000 libras, com as quais se poderá comprar 150.000 libras de papel do Estado do Empréstimo da Guerra, e fazer dêsse papel dom ao Estado para ser cancelado. Ofereço esta porção dos meus bens à Pátria, na convicção de que ela o necessita na hora presente. Seu, etc., F. S. T.„

Poucos ricaços seguiram o generoso gesto de Baldwin e a contribuïção voluntária não foi além de meio milhão de libras.

Em 1921, Baldwin ascendeu ao posto de presidente do departamento do comércio, e aí se conservou tão silencioso como se havia conservado no Parlamento. Em 1921, Bonar Law abandonou o poder por doença, e o rei chamou Baldwin para substituir o enfermo.

Baldwin recebe pouca gente; a sua vida distribui-se pela sua casa de Worcestershire, Downning Street e o cumprimento de alguns deveres sociais.

A pessoa que exerce maior influência sôbre o seu espírito é a esposa, companheira de todos os seus actos; o filho, de nome Oliver, é um socialista vigoroso, e o desgosto político dos seus pais. Quando se demora em Londres, toma geralmente as suas refeições no seu clube, e como não é muito sociável toma-as geralmente a sós. Os seus amigos são, por via de regra, gente nova. que êle protege e que é conhecida pela gente de Baldwin. Anthony Eden é um dêsses, e para o seu livro de viagens, Baldwin escreveu a introdução.

Stanley Baldwin

Baldwin escreve todos os seus discursos antes de os pronunciar, e não lê jornais; não é dado a grande exercícios físicos e fuma um cachimbo que se tornou símbolo da sua personalidade, nos jornais de caricaturas.

O cachimbo de Baldwin é como a orquídea na lapela do casaco de Chamberlain ou os caracóis de Disraeli a cairem sôbre a sua fronte.

A sua generosidade e filantropia, exercidas sempre clandestinamente, são traços profundos que caracterizam a sua individualidade. Conta-se que, uma vez, encontrando-se em viagem por um dos condados da Inglaterra, assistiu a uma conversa acalorada entre duas senhoras idosas, que discutiam a respeito dos meios de angariar fundos para o custeio de um asilo de raparigas intelectualmente atrasadas. Reüniu 200 notas usadas de uma libra cada uma, embrulhou-as em um pedaço de jornal usado e enviou tudo às duas senhoras com uma observação escrita em mau inglês, em que se afirmava que o dinheiro provinha de "um velho vagabundo„. O seu ordenado, como Lord do Tesouro é de 5.000 libras por ano mas, segundo afirma, para viver em harmonia com a sua situação tem de entrar pelo capital e valer-se de empréstimos.

Stanley Baldwin caricaturado

Baldwin nunca promete sem ter a certeza de poder cumprir. Foi primeiro ministro por três vezes. Pela primeira em 1923, e, como a opinião pública inglesa não estivesse preparada para as tarifas proteccionistas, o seu Govêrno não durou mais de um ano. Seguiu-lhe Ramsay Mac Donald com o seu primeiro gabinete trabalhista, que também não durou mais de um ano, ao fim do qual Baldwin foi novamente chamado ao poder, apoiado por uma enorme maioria. O seu primeiro acto foi de generosidade para com os adversários, chamando para o seu gabinete Churchill, Birkenhead e Chamberlain, que estavam votados ao ostracismo. Conservou-se então no Govêrno até 1929, tendo sido derrotado por lhe faltar o apoio da maioria. Quando, porém, foi chamado de novo em 1935, de novo o acompanhou uma maioria esmagadora. O voto, nessa conjuntura, significava confiança no homem e não no partido, porque Baldwin fala pouco, mas bem; sabe tocar a nota justa que se adapta ao auditório que o escuta. Os seus discursos representam o tipo perfeito da tradição inglesa que liga as qualidades do estadista às qualidades do homem de letras.

Adolfo Benarús.

"A HORA DE ARTE"

Há em Lisboa muitas instituições de caridade, porque a verdade é, que o bondoso coração da gente portuguesa, muito se condoi com a desgraça e a miséria, e se ela é imensa, ha muito quem queira contribuir, para a minorar, embora nunca se chegue a um resultado absoluto, para o que o meio pequeno, contribuindo sempre as mesmas pessoas para todas as obras, muito concorre.

Tôdas essas obras são admiráveis, são enternecedoras, mas uma delas é, não só uma verdadeira obra de caridade, mas tambem dum profundo alcance social e essa magnifica obra é: «A hora de arte», para os operários que se realiza todas as quartas-feiras, no salão de festas do Asilo António Feliciano de Castilho.

Essa obra que proporciona ao operariado de Lisboa uma hora por semana de deleite espiritual e de ensinamentos patrióticos, morais e cívicos por meio de conferências, é uma das mais belas obras que um espírito gentil de mulher concebeu e executou.

«Nem só de pão vive o homem» diz um velho ditado português e é bem verdade, o pão do espírito é tão necessário como o é o pão do corpo, a inteligência humana tem sêde de saber, o espírito necessita distração, o povo, o operário que trabalha, que passa a sua vida num constante esforço, mais do que ninguem tem a necessidade absoluta da distração.

Mas, como é natural, procura-a onde mais fàcilmente a pode encontrar: a taberna com a sua porta aberta convida-o a entrar, ali encontra a convivencia a que todo o ente humano aspira, mas espera-o tambem a má convivencia, os discursos dos revoltados, ou dos maus «meneurs» que aproveitam a sua ignorância, para o arrastar á rebelião natural em quem nada tem, espera-o o vinho, o jogo e tambem a desgraça, sua e da família se a tem, a mulher e os filhos são sempre as vítimas das horas de taberna.

A senhora D. Isabel de Ornelas, espírito brilhante de inteligência, coração ardendo no mais puro fogo da caridade, sentiu e compreendeu êsse mal e fundou esta obra linda «A hora de Arte» para o operário. Auxiliada por um inteligente grupo de senhoras empreendeu a magnifica obra de levar ao espírito do operariado de Lisboa, o conhecimento da Arte e dar-lhe o prazer espiritual, de ouvir versos, canto e música da melhor que se faz entre nós, educando a sua sensibilidade artística e levando á sua alma o conhecimento dos deveres do cidadão, como patriota e como ente humano digno dêsse nome, incutindo-lhe sentimentos morais e cívicos.

Nessa Cruzada de Bem encontrou a distinta senhora o mais dedicado auxílio em todos os que cultivam as letras, a declamação e a música.

No pequeno palco da sala de festas do Asilo de Cegos António Feliciano de Castilho têm passado todos os que se dedicam á Arte, associando-se desta maneira generosa, á linda obra, dando um pouco do seu saber aos operários, que religiosamente os executam.

A doença primeiro e a morte em seguida privaram «A hora de Arte» da sua fundadora, mas Deus que vela sempre pelas obras boas, tinha-lhe dado uma auxiliar preciosa, que corajosamente tomou a sua direcção e brilhantemente tem feito progredir a Benemérita Instituição. Essa senhora, cujo nome deve ser conhecido de todas as senhoras de Portugal, é a Senhora D. Mariana do Souto Pimentel.

Alma de artista, coração duma imensa bondade, espírito enérgico, inteligência profunda e muito cultivada, dedicou esta senhora, todas as suas eminentes qualidades ao desenvolvimento desta Obra.

Nova, bela, cheia de interesse, poderia dedicar a sua vida á sociedade, buscar na vida apenas as suas distrações e teria sempre um lugar de destaque em toda a parte onde se apresentasse, mas isso não era o bastante, para a sua alta inteligência e dedicou as horas livres, que a administração e o desenvolvimento da sua quinta do Rolim, em Alenquer, lhe deixavam, a cultivar o espírito e a alma dos operários de Lisboa.

Tempo preciosamente aproveitado, exemplo para todas as senhoras que perdem dias inteiros em inuteis frivolidades e que têm talvez em si qualidades, não aproveitadas.

É um orgulho para mim poder apresentar um exemplo de mulher portuguesa como é a senhora D. Mariana Pimentel e uma satisfação poder dizer ás minhas leitoras, que as nossas governantes, comprehenderam e recompensaram o esforço da inteligente senhora.

O senhor Presidente da República, General Carmona, mostrou o desejo de assistir a uma dessas tardes tão interessantes e, convidado pela senhora D. Mariana Pimentel, assistiu na última quarta-feira de Abril acompanhado do ministro da Instrução Pública, Dr. Carneiro Pacheco, á «Hora de Arte» que foi brilhantíssima.

Como conferente apresentou-se a notável oradora senhora D. Amália Proença Norte que numa eloqüêntissima palestra expoz com o seu costumado brilho, aos assistentes, o que é o nosso património colonial.

A senhora D. Madalena Trigueiros Martel Patricio, uma entusiasta da «Hora de Arte» que tem sempre auxiliado com o maior entusiasmo do seu ardente espírito de artista e de patriota, disse alguns dos seus admiraveis versos.

O senhor João Mota, filho do senhor general Amilcar Mota, temperamento de artista e jovem pianista eximio, tocou admirávelmente e fechou a «Hora de Arte com Francisco Benetó, o violinista admirável que arrebatou a assistência com a sua incomparável Arte. Para terminar o Senhor Presidente da República condecorou a sr.ª D. Mariana Pimentel com a Ordem da Benemerência. O inesperado acto do Chefe do Estado arrancou a todos os presentes os mais entusiasticos aplausos, vendo-se lágrimas nos olhos de alguns operários que têm pela senhora D. Mariana Pimentel uma verdadeira dedicação.

D. Mariana Pimentel

E' sempre agradável ver fazer justiça e nunca a fita preta e amarela, da Benemerência rodeou um mais gentil pescoço e foi tão bem merecida.

Arrancar ás más companhias e as distrações maléficas honrados trabalhadores, levar-lhes ao espírito o conhecimento da Arte, ilustrá-los e melhorá-los, é uma obra que muito enaltece um um espírito de mulher culta como poucas, e engrandece uma alma esmaltada das mais brilhantes qualidades.

É tambem consolador ver como o Senhor Presidente e os srs. ministros, que tão alto têm levantado a Nação, sabem apreciar e recompensar os esforços de quem trabalha pelo bem da Pátria e da Humanidade.

E qual tem sido o resultado do esforço desta senhora e de quem a tem auxiliado, está bem patente a quem assiste a essas deliciosas sessões das quartas feiras. Poucas assistências, ainda as de mais escolhido público, têm a educação e a compreensão dos que ouvem como a êstes simples filhos do povo, que no trabalho passam a sua vida.

Não se ouve na sala o mais leve ruido e as mais belas passagens são acolhidas com salvas de palmas em, que se sente o maior entusiasmo e a mais bela compreensão.

E' sómente para lamentar que em vez de cem, não possam assistir mil, e que em todos os bairros de Lisboa não haja todas as semanas uma «Hora de Arte» para todos os que trabalham.

E' emocionante o interesse dos operarios pela sua «Hora de Arte», como humildemente pedem para as suas mulheres e os seus filhinhos assistirem ás sessões e como simpático era vê-las chegar com os pequenos, mas a sala é pequena e infelizmente não permite a que todas as famílias assistam.

Todos os anos a senhora D. Mariana Pimentel e a senhora D. Madalena Patricio lhes organizam um passeio ao campo. O ano passado foi êsse passeio á Quinta do Rolim, a propriedade da senhora D. Mariann Pimentel onde foram fidalgamente recebidos por esta senhora e sua mãe a senhora D. Conceição Pimentel senhora duma extrema distinção e altas virtudes e pela senhora D. Madalena Patricio.

A alegria dos operários era encantadora e como a «Hora de Arte», e êstes passeios têm uma influência admirável nos espíritos e nas almas.

Esta é a maneira de fazer obras sociais com carinho e ternura duma alma perfeita de mulher e a subida inteligência, que em tudo manifesta a senhora D. Mariana Pimentel, que bem merece da Pátria, pelos seus esforços coroados de êxito e que fazem desta senhora um admirável exemplo para as mulheres de Portugal.

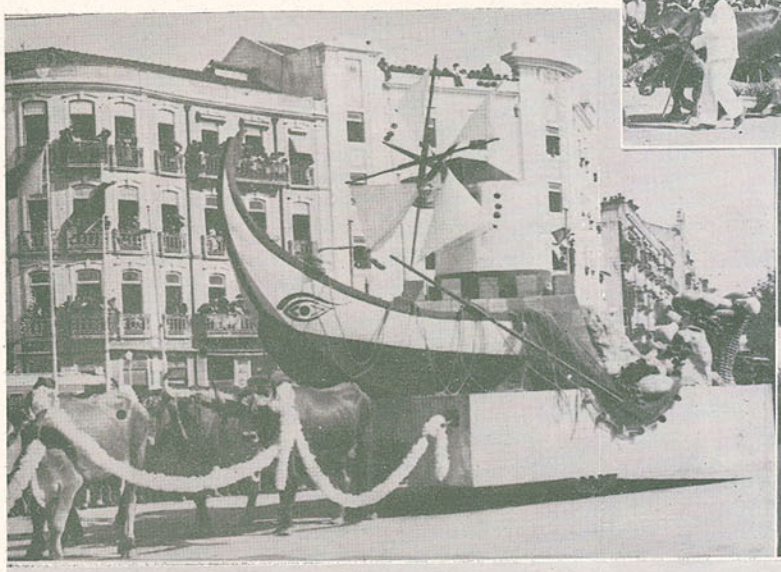
Bem haja, e todos devemos curvar-nos quando aparece uma senhora que tão alto eleva as qualidades femininas.

Maria de Eça.

Uma reünião na Quinta do Rolim, em Alenquer

O IMPONENTE

CORTEJO FOLCLÓRICO



As festas comemorativas do 28 de Maio encerraram com chave de oiro: o cortejo folclórico que constituiu uma apoteose de beleza e de alegria popular. As gravuras que enfeitam esta página mostram alguns dos carros alegóricos e vários ranchos que alegraram a população lisboeta com os seus bailados característicos e as suas cantigas harmoniosas. Portugal inteiro estava ali reünido num grande abraço que bem patenteava a confiança no futuro e o júbilo de milhões de almas

A QUINZENA DESPORTIVA

O sr. dr. Oliveira Duarte, presidente do Sporting Club de Portugal discursando na sessão comemorativa do 31.º aniversário da popular colectividade de desporto

O acontecimento de maior vulto da quinzena que hoje termina foi, nos domínios da actividade física, o II Concurso de Gimnástica Educativa promovido pelo Gimnásio Club Português e que resultou numa brilhante demonstração de competência dos professores portugueses e de trabalho fecundo das colectividades e estabelecimentos concorrentes.

A primeira tentativa de organização dêste concurso, realizada há um ano, foi discutidíssima e encontrou até no meio certo ambiente de hostilidade que o regulamento de facto imperfeito não bastava no entanto para justificar. Apenas seis agremiações se apresentaram a prestar provas, representadas por oito classes cuja exibição ficou despachada em duas noites.

Este ano a animação aumentou de tal forma que foi necessário preencher uma semana completa com as exibições das 21 classes inscritas por onze estabelecimentos diversos, a presença de alguns dos quais se reveste de significado especial.

É interessante, por exemplo, registar a considerável percentagem de entabelecimentos oficiais de ensino no número dos concorrentes, sendo preceituada pelo regulamento uma norma de composição das lições que correspondia aos preceitos da gimnástica educativa de Ling; parece poder deduzir-se do facto que o famoso método de formação sofre novo cheque e se mantem calado porque os seus adeptos se resumem cada vez mais à escassa falange dos que não possuem competência para mais.

Afinal, e buscando outros motivos, pode hoje dizer-se sem rodeios que o método de gimnástica oficialmente seguido no país é o sueco de Ling, desde a data em que o sr. Ministro da Educação Nacional decretou a organização da "Mocidade Portuguesa" em bases onde a educação física ocupa lugar predominante.

Se as crianças encorporadas obrigatòriamente até aos catorze anos na "Mocidade Portuguesa" recebem dos seus instrutores lições de gimnástica regidas pelo método de Ling, conclui-se que é êsse o método adoptado de facto em Portugal e não qualquer outro gerado dum decreto ocasional e que nunca conseguiu aplicação efectiva.

O recente concurso promovido pelo Gimnásio serviu excelentemente a causa da verdade; crianças, senhoras, homens, exibiram-se sempre com aprumo, desembaraço e confiança que desejaríamos vêr generalizada a tôda a gente môça da nação.

Foram 11 as entidades que se fizeram representar na competição: Instituto Feminino de Educação e Trabalho de Odivelas, Instituto dos Pupilos do Exército, Escola Comercial de Patrício Prazeres, Escola dos Filhos dos Operários da Companhia do Gaz, Escola de Educação Física do Exército, Escola Militar, Cursos Infantis de "Os Sports", Destacamento da Penha de França, Sporting Club de Portugal, Lisboa Gimnásio Club e Gimnásio Club Português, somando na totalidade 21 classes nas diversas categorias.

Verificamos, pois, um progresso extraordinário de concorrência em relação ao primeiro concurso, para o que deve ter contribuído, por um lado a elaboração mais criteriosa do regulamento, por outro e principalmente os esforços persistentes dos professores dedicados e dos orientadores que em escolas e agremiações desportivas se empenham pelo desenvolvimento da prática da educação física em moldes compatíveis com os interêsses do pôvo e da nação.

Algumas ausências provocam reparo; assim, a abstenção absoluta dos institutos dependentes da assistência pública onde, no entanto, a gimnástica é de longa data cuidadosamente ministrada e pelos mesmos moldes pedagógicos do concurso.

Um comentário idêntico para o retraïmento incompreensível dos clubes de desporto onde funcionam classes regulares de gimnástica; além do Gimnásio Club e do Lisboa Gimnásio, que justificaram com larga representação o seu atributo de instituïções especializadas na educação física, apenas o Sporting Club de Portugal teve, dentro do melhor espírito desportivo, a despreocupação de classificações suficiente para inscrever classes em tôdas as categorias. O êxito dos seus representantes e as demonstrações calorosas de apreço público recompensaram com justiça a iniciativa desassombrada do popular club dos "leões".

A classificação dos concorrentes, há poucos dias fornecida pelo juri, não importa a estas nossas apreciações porque o louvor que consagram é sem a mínima reserva: tôdas as classes apresentadas triunfaram pela correcção, pela harmonia, pela técnica dos seus exercícios. Porque se tratava duma competição houve necessidade de classificar em mérito relativo, mas em mérito absoluto a aprovação foi geral, "nemine discrepantur".

Um aspecto da numerosa assistência que encheu o salão do club na sessão comemorativa do aniversário do Sporting

O grupo de futebol do Sport L. e Benfica, vencedor no Torneio da Liga, acompanhados pelos dirigentes da Federação, Associação e clubs no acto de entrega da taça respectiva

Alfredo Trindade foi correr ao Brasil, Manuel Dias foi a Londres correr a Maratona do "Sporting Life", a equipa nacional de "hockey" em patins deslocou-se também até à cidade do Tamisa para tomar parte nos campeonatos da Europa, prova onde a sua presença tem tradições de gloriosa representação.

O valoroso ciclista do Sporting, alcançou em três provas três nítidas vitórias, firmando a sua classe não só relativamente ao valor dos adversários, como em absoluto pelos tempos realizados e que são os melhores da sua já longa carreira desportiva.

Ignoramos ainda, ao escrever esta crónica a classificação obtida por Manuel Dias, mas confiadamente escrevemos que deve ter concluído o percurso entre os primeiros, senão o primeiro, tão grande é o apreço que nos merece o seu extraordinário valor atlético.

Quanto aos resultados dos patinadores portugueses, confirmam integralmente a posição internacional estabelecida pelos seus feitos nos campeonatos precedentes, mantendo o nosso país no grupo dos melhores do continente a-pesar-dos progressos apreciáveis dalgumas nações concorrentes. Vencedores da Bélgica, da Alemanha e da França, os nossos compatriotas foram dificilmente batidos pelos italianos e conseguiram sucumbir ante os mestres ingleses pela escassa diferença de duas bolas.

O conjunto desta actividade do desporto lusitano além-fronteiras não pode ser mais lisonjeiro para o nosso brio nacional e demonstra, como tanta vez se tem afirmado, as excelentes qualidades físicas e morais dos portugueses para as competições desportivas, onde ainda conseguem brilhar a-pesar-das péssimas condições do meio, na inteira desajuda do Estado e de erros fundamentais de educação.

No dia em que as gerações ascendentes forem convenientemente cuidadas, e em que os moços preparados por uma assistência física e higiénica de sempre encontrarem instalações e apetrechagem técnica onde possam aproveitar dos ensinamentos de técnicos competentes, os próprios confiantes ficarão admirados do grau de possibilidades dos nossos atletas. Pondo em plano secundário a questão de número, poderíamos ser um pôvo de escol se evitássemos os erros de aplicação que tem impedido o aproveitamento das virtudes nativas do pôvo.

O progresso do desporto português, considerado como uma das formas de expressar a capacidade física da nação, fica na dependência directa dos cuidados que ao Estado merecer a sua prática e o desenvolvimento da educação física da infância e da mocidade.

Por enquanto, valemo-nos exclusivamente dos elementos de classe excecional que conseguem impor-se apezar da insuficiência asfixiante do meio, ou do valor daquelas modalidades nos quais mantemos por propensão tradicional uma categoria firmada; mas para o futuro, é indispensável organizar com antecipação, em bases seguras, a educação física de todo o pôvo, preparando com a infância de hoje uma geração robusta e experimentada na qual se encontrem, enfim, tantos atletas quantos o país precise para brilhar em competição com os representantes de qualquer outra nação.

■

Festejou o seu 31.º aniversário o Sporting Clube de Portugal, uma das mais importantes e populares agremiações desportivas do país.

O clube dos "leões" possui um passado de triunfos, esparsos por tôdas as modalidades praticadas no país que nenhum rival consegue sequer aproximar; os seus 579 títulos de campeonato constituem uma lista de glórias que se impõe ao respeito dos próprios adversários.

Comemorando a data festiva, a direção da colectividade, à frente da qual se encontra a figura prestigiosa do dr. Oliveira Duarte, promoveu uma série de festas que decorreram com enorme brilhantismo, notoriamente a sessão solene para entrega de medalhas e diplomas aos desportistas que sob as côres verde e branco conquistaram durante o ano findante vitórias oficiais.

Discursando nessa noite, o presidente do clube anunciou a conclusão dos trabalhos preparatórios para a construção dum estádio clubista, cujos trabalhos efectivos teriam muito breve início.

Oxalá os projectos do Sporting sejam devidamente auxiliados e alcancem completo êxito, pois indispensável se torna para o progresso e divulgação do desporto português, a edificação de instalações modernas onde o público encontre as comodidades a que tem direito, e os praticantes os recursos materiais necessários ao aproveitamento do seu esfôrço desportivo. Eis o que tão ardente e confiadamente esperamos.

Salazar Carreira.

As alunas do Instituto de Educação e Trabalho, de Odivelas praticando os seus provas no II Concurso de Gimnástica Educativa

Os chefes das filiais e delegações do Sul, da casa H. Vaultier & C.ª, em Evora

Uma modelar organisação industrial e comercial

No dia 2 de Maio ultimo inaugurou-se oficialmente na cidade de Evora mais uma delegação da firma H. Vaultier & C.ª que simultaneamente comemorava o quadragesimo ano da sua fundação. Nesta simpática festa de trabalho a que assistiram cem pessoas que se reuniram num almoço servido no Hotel Alentejano, chefes das filiais e delegações do Sul, foram entregues ao Snr. Maxime Vaultier, Director-Gerente, oferecidas pelo seu pessoal, as insignias da comenda da Ordem de Cristo com que recentemente foi agraciado, tendo-as colocado ao seu peito o guarda livros da casa, Snr. Willy Stutzmann.

O Snr. José Alves, chefe dos despachantes, em nome dos empregados, soube pôr em destacado relevo o respeito e estima consagrados ao seu Director, como justa homenagem ás excepcionais qualidades de caracter que o distinguem. Encerrou os brindes o Snr. Maxime Vaultier, que historiou a vida da casa desde a sua fundação pelo seu saudoso Pai, agradeceu esta manifestação do seu pessoal, e terminou por brindar pelos Snrs. Presidentes da Republica e do Governo.

E, assim, constituiu esta festa uma excelente oportunidade para ser posta em destaque mais uma vez a perfeita comunhão entre o chefe desta Firma e todos os seus colaboradores.

Foi em 1897 que se fundou esta casa que hoje tem ainda a mesma firma, H. Vaultier & C.ª, cujos progressos, acentuando-se de ano para ano, lhe conquistaram o logar de destaque que actualmente ocupa no nosso meio industrial e comercial, tendo afirmado sempre a sua vitalidade em todas as feiras e exposições realisadas tanto no Continente como no Ultramar, apresentando nelas artisticas instalações e alcançando tambem as melhores classificações, como na Exposição Industrial de Lisboa, Colonial, do Porto e nas Feiras Coloniais.

Possui três fábricas, de correias de couro para transmissões, de puados para cordas e de mangueiras de linho para serviço de incendios, oficinas de silos e aparelhos para moagem, dos mais simples aos mais complexos, secções de borracha industrial, ferro, aço e outros metais.

Entre as representações comerciais que lhe estão confiadas avultam as da universalmente conhecida casa Magyrus, de todo o material de incendios, de R. Holl & C.º, de sedas para moagem, de empanques de Turrer & Garlock, de máscaras contra gazes e fumos, Degea, adoptadas no Batalhão de Sapadores Bombeiros e do Oleo Eagloil, o lubrificante hoje preferido. H. Vaultier & C.ª que tem filiais e delegações no Porto, Covilhã, Coimbra, Evora, Extremoz, Funchal, Ponta Delgada e S. Vicente de Cabo Verde, constitui um organismo que bastante influi na vida económica nacional.

Perfumaria "Couraça"

Ha bastantes anos já apareceu na nossa capital, dos fabricantes M. B. Teixeira, L.da, da Rua de Sant'Ana, 50 A, uma nova pasta dentifrica «Couraça», e em tão boa hora que a breve trecho passou adiante de todas. Começando auspiciosamente a sua carreira em Lisboa foi a pouco e pouco assenhoreando-se dos nossos vários mercados e de forma tal que hoje não ha ponto do País, Continente e Ultramar, onde ela se não encontre.

Dentes assim só com «Couraça»

Têm surgido muitas outras pastas, algumas delas lançadas por grandes fábricas, mas a verdade bem manifesta é que a «Couraça» segue o seu caminho, mantendo sempre o seu privilegiado logar na preferência do público. E afinal a razão dêste êxito explica-se pelo esmero na escolha das matérias empregadas e o cuidado extremo no seu fabrico até agora inexcedido.

Ainda recentemente os seus fabricantes, correspondendo ao favor do público proporcionaram aos seus clientes uma nova embalagem que apresenta as seguintes vantagens, muito para considerar; em primeiro logar um tubo grande, contendo o dôbro da pasta custa menos do dôbro da importância do tubo pequeno. A embalagem moderna, mesmo luxuosa, embelesa o toucador, e o produto é absolutamente o mesmo. No entanto mantem-se sempre o tubo pequeno que continua a custar 2$50, sendo o preço do grande, com todas estas vantagens, de Esc. 4$00.

A' economia no produto assim realisada, ha ainda a acrescentar a economia do tempo por isso que se redusem as caminhadas para as lojas onde muitas vezes se tem de esperar a vez de ser atendido.

E assim se modernisou a pasta «Couraça» como moderna é também a nova séde dos escritórios da Empresa, num bonito edificio, na Praça D. Luiz, 7, de linhas sóbrias mas elegantes, com vastas instalações que os serviços da Empresa, cada vez mais intensos, estavam exigindo.

Mas não foi apenas na pasta que esta fábrica se especialisou. Aos outros artigos de perfumaria tem dedicado a sua atenção com exito semelhante, como o atesta a preferência da sua escolhida clientela, a Agua e o Elixir Dentrificos, o «Creme Couraça», e a «Neve Couraça», pós de arroz, talco perfumado, águas de belesa, de Colónia e de toucador, rouges, batons, loções e tónicos capilares, fixadores, brilhantinas, verniz para unhas, sabões e sabonetes e ainda os mais variados e delicados perfumes.

White Horse, o Whisky dos entendidos

É um êrro supôr-se que só os estrangeiros, e especialmente os ingleses, apreciam o whisky. Também entre nós se tem divulgado o seu uso e já não há bom apreciador de vinhos e licores que o não tome de vez em quando.

O whisky, de que a Escóssia legitimamente se orgulha, é para a Inglaterra o mesmo que o Porto para nós, o Champagne para os franceses, o Asti para os italianos e o Rheno para os alemães. Vai a tôda a parte do Mundo e, como sucede com os nossos vinhos generosos, constitui para o País da sua origem um importante valor na sua exportação, influindo sensivelmente na respectiva vida económica.

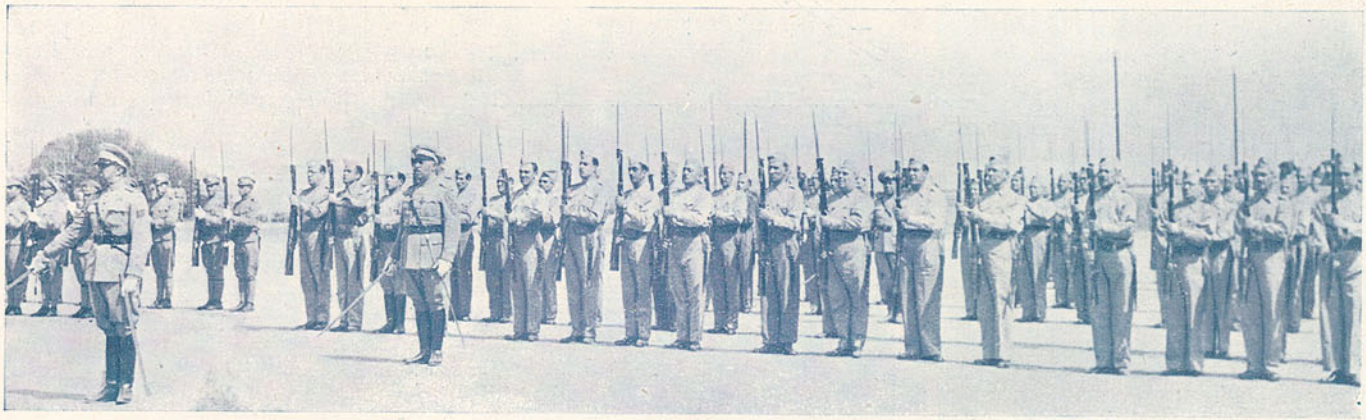
A importação de whisky em Portugal é já bastante elevada. São várias as marcas que se encontram no nosso mercado, dos distiladores mais conhecidos, mas de entre tôdas elas se tem destacado sempre pelas suas excepcionais qualidades, excelência de produto e cuidado esmero na sua preparação, o White Horse, preferido constantemente pelos verdadeiros entendidos e pela sociedade elegante.

Nos Hoteis, Restaurantes, Cafés, Casinos e Bars, em Lisboa e demais cidades do País e agora, que entramos na época do verão, nas praias e campos, continua a ser preferido o White Horse, como o melhor entre os melhores.

A sua representação em Portugal está de há muito confiada à antiga e conceituada firma comercial A. L. Simões & Pina, L.da, da Rua das Flores, 22, em Lisboa, Telef. 23850.

A LEGIÃO PORTUGUESA

PATENTEIA A SUA CONFIANÇA NOS DESTINOS DA PÁTRIA



Em cima: As forças da Legião Portuguesa descendo garbosamente a Avenida da Liberdade. — O Batalhão 9 da Legião Portuguesa desfilando, em colunas dobradas em frente do Monumento aos Mortos da Grande Guerra. — Uma demonstração eloqüente de disciplina e brio: apresentar armas! — A marcha em tôda a sua galhardia patriótica

...O MAU INSTANTE

A figura insignificante e simpática de Carlos Queiroga abatia-se, numa expressão intraduzível, misto de angústia e pavor, sôbre a poltrona verde onde habitualmente costumava sentar-se para fazer as suas contas de banqueiro atribulado, de director de uma casa comercial de certa categoria, a cujos destinos presidia com a sua vasta e poderosa inteligência. Debaixo das suas ordens girava uma multidão de pequenos satélites em volta do seu sol, algumas dezenas de empregados, a quem os ordenados pagos com certa larguesa, permitiam um pouco de bem-estar. E aquele director, rapaz ainda, jovem e ardoroso, nascido entre fortuna e na fortuna vivendo, não era como quási todos os capitalistas por seu mal são frios, orgulhosos ou insensíveis ante aqueles que a sorte lhe fez inferiores.

Afectuoso, simples, olhando os seus empregados como seus irmãos, considerando-os como maquinismo estreitamente unido dum mesmo engenho, êle era apenas como que o propulsor, o animador dessa máquina, conduzindo-a, mas sem dureza, dando-lhe o escrúpulo magnífico do trabalho activo e generosa boa vontade. Por isso, talvez, Queiroga, naturalmente considerado como um romântico, um coração de outras eras, que no século do progresso sabia não ser egoista, era um ídolo na estima e consideração dos que o ajudavam e, sempre que atravessava os escritórios, no seu passo firme e elegante, pleno de juventude sã, não havia olhos que o fitassem com rancor! Todos se erguiam sorrindo, saüdando-o efusivamente, sinceros, e para todos também êle tinha uma palavra amiga, uma frase de acolhedor interêsse, que lhe grangeava simpatia e veneração, não só para êle, como para a mulher e para a petizinha de três anos de quem paí, uma adorável criatura que não perdia ensejo de lhê desarrumar a papelada — posta em ordem com tanto custo — e acompanhava através o estabelecimento prodigalizando sorrisos e carícias aos empregados de seu paí.

E porque assim era feliz, porque sempre a vida lhe fôra um verdadeiro caudal de belezas e alegrias, se tornava estranho vê-lo, naquele risonho dia, taciturno, sombrio e agitado. A sua mão febril empunhava papéis que logo repelia para voltar a pegar-lhes num crescendo de demência; enrugava-se-lhe a testa temerosamente sempre que lia um telegrama aberto na sua frente, e tinha gestos, ora de inconsciente furor, ora do mais profundo desalento.

Os empregados que se apresentavam a receber ordens ou participar factos, eram recebidos asperamente, o que lhes causava um ilimitado espanto...

Que se passaria então?

Só êle, o feliz e invejado Carlos, o sabia!

De repente, ergueu-se, projectando de si com violência todos os papéis, exclamando:

— E pensar que a vida, a honra, a felicidade dum homem depende dum instante, dum bom ou mau instante! E saber que perder êsses três bens equivale à desgraça de centenas de seres!

Após ter proferido estas palavras que bem traduziam o estado caótico da sua alma, voltou-se com cólera para o negro aparelho telefónico, colocado sôbre uma estante.

— E tu, maldito! Porque não tocas? Porque não acabas com êste mal? Se

Londres disser: *sim* — será a minha honra, a minha salvação e a daqueles que em mim confiam; se *não* é o fim, a falência, a ruína, a miséria para tantos, o opróbio para um triste lar desfeito!...

— Como eu sôfro! Duas e dez!... Disseram até às duas... Que horrível! Toca! Toca, telefone!

Como respondendo a êste aflitivo apêlo, a campainha do telefone retiniu estridula e sacudida.

A despeito das anteriores palavras, Carlos hesitou e, depois, resolvendo-se, decidido, lançou-se para o aparelho, olhos brilhantes, faces, e levantou o auscultador. Logo o poisou desanimado:

— Não é Londres!

Voltou a sentar-se à secretária, e meteu a cabeça entre as mãos.

Passaram lentos os minutos, num tic-tac compassado do relógio, a cortar monótono o silêncio lúgubre do escritório.

Quando ergueu o rosto, cobria-lho uma lividez cadavérica. Fitou angustiado o relógio.

— Três e meia... Já não falam! Tudo perdido!

A essa frase de tão completa desdita respondeu um ruído saltitante de passos, abriu-se a porta e um vulto pequenino correu para êle exclamando:

— Paisinho!

Seria Deus que enviava aquele anjo a confortar uma pobre alma torturada?

Devemos crê-lo, porque Queiroga estendeu-lhe os braços, levantou-se, e beijou-o com devoção.

A petiza não pareceu surpreendida com aquela tão ardente explosão de ternura e, breve se estabeleceu uma longa e extraordinária conversa, fresca, cândida, sem objectivo, um daqueles emotivos e singelos diálogos que apenas se tornam possíveis entre uma filha de quatro anos e um papá de trinta que encontram na mística adoração a sisudez e a gravidade tão diferentes e tão próximas pela fôrça do amor.

No limiar da porta que a criança deixara aberta, surgira a silhueta grácil duma rapariga formosa, que, após uma demorada contemplação do grupo, avançou exclamando alegremente:

— Mimi... Então isso faz-se?

Ambos se voltaram para ela, e o marido, beijando a mão que a esposa lhe estendia, perguntou:

— Que fez a nossa filha?

— Fugiu-me, logo que chegámos à porta! Tem sempre pressa de falar ao papá!

Muito pálido, tentando ocultar a sua turbação, Jorge quiz gracejar:

— Não pode ralhar, mamã... que sempre que aqui passa tem de vir ver se eu ainda estou feito de carne e osso...

Ela riu-se riu-se jovial, despreocupadamente, e inclinou-se para lhe afagar os fartos cabelos:

— Tens razão. Sou muito maçadora. Mas que queres? quando não te vejo, estou sempre num desassossêgo, numa aflição, cheia de saüdades... Tens que me ralhar muito, não é verdade?

Mas, de súbito, fiz-me muito séria, prêsa de inquietação, ao ver a contracção da face lívida do marido e, inquieta, assustada:

— Carlos... Meu Carlos... Tens alguma coisa?

Queiroga levou a mão à testa, procurando abafar com a sua energia viril a voz desesperada de angústia, e murmurou:

— Não, não tenho nada, Maria. Assegure-te!

Mais tranqüila, Maria voltou a sorrir, cheia de sol e uma linda alma que a ansiedade ennevoara de tristes sombras e, olhando em cómica expressão de rancor a papelada espalhada sôbre a secretária, disse:

— Pois então, abandona cedo estas contas! Fico à tua espera... Tenho um segrêdo para te confiar!

E agarrando Mimi, esgueirou-se com ela, porta fóra, sem dar tempo a que Carlos a retivesse nos braços.

Queiroga ficou-se abstrato, a meditar, e depois, convulsivamente, escondeu o rosto nas mãos. Chorava! Chorava a sua felicidade, o seu amor, a sua vida!

Depois reagiu, e dominado por uma calma tanto mais dolorosa quanto já lhe tomava o espírito o frio da morte, começou a coordenar os seus papéis, rasgando uns, arrumando outros e, finalmente, abrindo uma gavetinha, extraiu dela um envelope lacrado, onde se lia em letras garrafais:

— O meu testamento.

Com um riso de sarcasmo, um riso que fazia mal, Jorge pô-lo bem à vista sôbre a secretária e monologou:

— Que ironia! De que serves tu? Sim, no tempo em que escrevi, tinhas utilidade, mas hoje! graças a essa deplorável emprêsa, perdi tudo, tudo! Estou desonrado, e, o que é pior! — lancei na miséria dezenas de homens que têm família, que vão chorar com fome! E não vai chorar também a minha mulher, a minha filhinha?... E, tenho eu o direito de morrer?

Pareceu que uma voz satânica, lhe murmurou em resposta à desesperada interrogação:

— Sim, deves morrer!

— Seja! acquiesceu, com expressão fatalista. E, pegando numa folha de papel, traçou nela estas linhas:

"Meu amor.

"Perdôa-me! É impossível que eu viva! Bem sei que vais sofrer, mas eu findarei assim o meu tormento. Será egoísmo? Sim, é, mas faltam-me as forças e a coragem para encarar e sofrer o opróbrio, o escárnio, os ódios de tôda a gente! Sou um cobarde, minha Maria. Não me chores, que sou indigno do teu amor! E eu, eu amo-te muito, muito! Adeus, querida. Beija a nossa Mimi, a nossa filhinha.

Para ti o derradeiro pensamento do Carlos.

Não releu a carta. Dobrou-a e colocou-a ao lado do testamento, murmurando friamente.

— Vamos! Estou pronto!

Abriu um pequeno estôjo...

Um instante mais e tudo teria acabado!

Mas, a porta abriu-se e uma figura de mulher, pálida, desmaiada precipitou-se para êle...

Carlos curvou a cabeça, mudo, esmagado pela fôrça imutável da existência.

Maria, na frente dêle, lábios crispados, não falava também. Da porta, uns olhitos espantados, curiosos espreitavam a cêna.

Finalmente, a jóvem espôsa teve um queixume...

— Que ia tu fazer?

Ele despertou da sua inconsciência; estendeu-lhe os braços para a estreitar ao peito, num soluço infinito, mas logo, arrependendo-se, caiu de joelhos diante dela, e beijou-lhes as benfazejas mãosinhas, murmurando numa adoração:

— Meu amor querido... perdôa-me! Mas eu estou deshonrado, falido! A miséria!...

E então, retiniu a campainha do telefone. Queiroga surpreendido, hesitou, depois, ergueu-se e levantou o auscultador. Disse apenas o nome e depois, ouviu o que lhe comunicavam. A pouco e pouco, foi-se colorindo a lividez anterior, riam-se-lhes os olhos, e todo êle vibrava de vida, fresca, cheia de alegria.

— Londres falou... — bradou êle por fim — Salvo, salvo!

Tudo bem!

Correu para Maria, ergueu-a nos braços, e beijou-a, foi sentar-se na poltrona com ela ao colo e arranjou lugar para Mimi que se aproximava também.

Não tiveste confiança em mim... — murmurou Maria, num queixume.

— Quem te disse?

— O Martins... lá em baixo! Deu-me um baque o coração... e pouco depois de ter saído... vim a correr... a correr... Graças a Deus, cheguei a tempo!

— Foi um mau instante... de cobardia...

— Enfim! tudo passou...

— E que não passásse? murmurou a linda rapariga, afagando-o — Que não tivesse passado? Esqueceste que tenho a minha fortuna pessoal e que tu daria tôda tôda, e trabalharia se possível fôsse, ajudando-te a erguêr um novo lar pequenino e modesto, mas sempre cheio de amor? E assim seriamos felizes... os quatro...

— Os quatro? Oh! Maria!

Não disse mais nada.

A sua mão febril riscou um fósforo e a carta testemunho do seu máu instante consumiu-se com o pesadêlo, o sonho máu que embaciara o cristal puro da sua felicidade...

Odette Passos de Saint Maurice.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 83

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré: Adágios, de António Delicado; Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha; e Dicionário de Sinónimos, de J. S. Bandeira.

APURAMENTOS

N.º 74

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

YZINHA
N.º 10

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

MAGNATE
N.º 14

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 4, Conde de Monte Cristo

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 14 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra, Rei Mora, Calaveras.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 13. — X 505, 13. — Capitão Terror, 13. — Salustiano, 13 — Rei Luso, 13. — Só-Na-Fer, 13. — Só Lemos, 9. Sonhador, 9. — João Tavares Pereira, 9. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 9. — Lamas & Silva, 8. — San-Fer, 8.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 7. — D. Dina, 7. — Lisbon Syl, 6. — Aldeão, 5.

DECIFRAÇÕES

1 — Cacha-chaça-cachaça. 2 — Fana-nado-fanado. 3 — Rima-lima-rema-Rita rimo. 4 — Vagalume. 5 — Parrana. 6 — Verónica. 7 — Salado (com graça (sal) o homem (Ado) 8 — Beca (BK). 9 — Rasca-cada-rascada. 10 — *Namorado.* 11 — Ajuntar-atar. 12 — Furlana-furna. 13 — Bosboque-bosque. 14 — *Mais peixe, menos salsa.*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Não *desejo comover*-me para poder *afastar* do pensamento essa mulher! (2-2) 3.

Lisboa — *Do 14*

2) Logo ao *princípio* se nota na tua *cara* que não tens «*planta*» nenhuma... (2-2) 3.

Lisboa — *Pimpas*

3) O garoto sem *juízo* nem *vergonha* castiga-se dando-lhe muita *bofetada.* (2-2) 3.

Luanda — *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

4) Vai sem *demora* e *entrega* o embrulho na minha *residência.* 2-1.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C)*

5) Isto é *sincero:* quando a morte *surge* sinto profunda *tristeza.* 1-1.

Lisboa — *Maine Chance*
(À Nita)

6) Com um *fundo de agulha* posso escrever *o trecho musical.* 1-1.

Lisboa — *Ordísi (T. E. e L. A. C.)*

7) A *réplica* sem *ponderação* é um *disparate.* 2-2.

Luanda — *Ti-Beado*

SINCOPADAS

8) Com um *golpe de faca* matei a *mulher formosa.* 3-2.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C)*

9) Tanto *afã,* só para uma pessoa «*importuna*»... 3-2.

Lisboa — *Kid Nyo*
(A Ordísi Júnior)

10) Como é linda a tua fronte *majestosa* e *cândida!* 3-2.

Lisboa — *Nita*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

11) À história nada se junta,
Não ficaria formoso
Um conto modificado,
Não seria tão *pomposo*...

Lisboa — *Kardónis*

12) Com três consoantes
Sem grande trabalheira,
Tralha inferior, de esparto,
Na rêde sardinheira
Vê de qualquer pescador,
Sem favor.

Luanda — *Ti-Beado*

LOGOGRIFO

13) Prêso num *pâmpano com cachos* — 2-1-6-7-3
Já vi um homem *anafado,* — 2-3-9-4-3
E p'ra se livrar de capachos,
Viu-se mui *atrapalhado.* — 2-9-5-2-3
Era *prolixo* no seu expandir — 6-8-9-2-3
P'ra tudo tratar de *confundir.*

Luanda — *Ti-Beado*

MEFISTOFÉLICAS

14) O *resto* da vida passa
Sem uma *queixa* sequer
Essa pobre que a desgraça
Fêz farrapo de mulher.

Viveu em mundo *abastado*
Foi feliz, teve riqueza...
Facetas do negro fado
Nesta vida de incerteza! (2-2) 3.

Lisboa — *Mr. La Pin*

15) Acabou já o verão.
Embora o frio comece,
Eu sinto ainda a *impressão*
De que o tempo mais aquece!

Mal dou dois passos na rua
Principio a *destilar.*
O meu corpo todo sua,
Que tremendo mal-estar!

Parece que vai surgir
Uma vaga incandescente!
Talvez se vá *repetir*
Êste verão inclemente! — (2-2) 3.

Lisboa — *Rei Mistério*

NOVÍSSIMAS

16) Certo beberrão de fama,
Que em *vinho* as mágoas inunda, — 2
Uma canada reclama
Ao balcão da «Cova Funda».

Logo acode o taberneiro,
Desejoso de agradar
Ao freguês arruaceiro:
— O que pretende tomar?

— Uma canada, repito.
Mantenho sempre o que digo...
De morraça necessito,
Pois beber água é castigo!

«*Onde*» entra, a água produz — 1
Um efeito desgraçado...
Livre-me o Diabo da cruz
De ficar *todo molhado*...

— É tinto ou branco que quer'?
Diz-lhe o da tasca a suar...
— Não vale a pena escolher...
É todo p'ra vomitar...

Lisboa — *D. Trovador*

(Caso referido numa correspondência de Madrid para o «Diário de Notícias»)

17) Num sítio *escuro* do vizinho «Inferno», — 2
Onde hoje *zomba* em sangüinária orgia — 1
O bárbaro do Norte, o huno moderno,
A vítima dum crime atroz jazia.

Deitado junto ao corpo abandonado
(Talvez o único amigo e companheiro)
Como a chorar o dono assassinado,
Num uivar lamentoso, um cão rafeiro.

Abriu-se uma janela, e um ser cruel,
(Homem de idéias, concepções modernas,
Acordou-lhe o remorso o amigo fiel?)
A tiro, à bala asfacelou-lhe as pernas!!

Quem quer que fosses, negro coração,
Empedernido e fero, ah! quem te dera
Ter a alma e os sentimentos dêsse *cão* — 2
Oh! *bestial* marxista! Oh! bêsta-fera!

Lisboa — *Sileno*

SINCOPADA

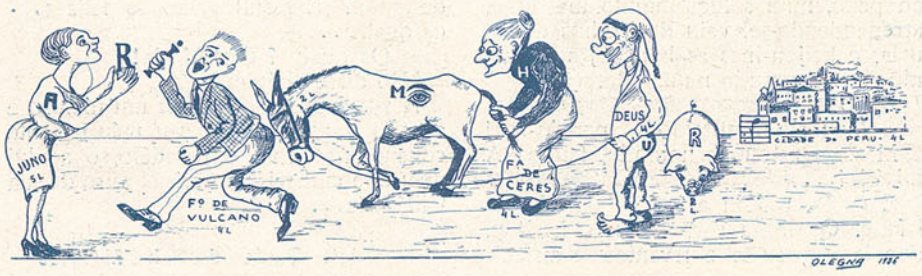
18) Quem é *de barbas compridas*
Ou é mimoso poeta,
Ou é com toda certeza
Um refinado *pateta.* — 3-2.

Luanda — *Ti-Beado*

TRABALHOS DESENHADOS

19) ENIGMA FIGURADO

(Ao meu compadre «Mirones», velho amigo e leal camarada)



Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração,* rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Tivoli

A favor do Instituto Conde Agrolongo, realizou-se no salão Tivoli, uma festa de caridade, que constou da exibição de um sensacional programa de films, e de um «chá» no salão anexos, servido por um grupo de gentis meninas pertencentes á nossa melhor sociedade, sendo a festa levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade da qual faziam parte D. Amélia Resende da Silva de Melo, D. Ana de Lima Mayer de Carvalho, Condessa de Alcaçovas, Condessa do Cartaxo, Condessa de Mangualde, Condessa de S. Mamede, D. Constância de Castelbranco Pinto Basto, D. Cristina Craveiro Lopes, D. Izabel Pinheiro de Melo Espírito Santo Silva, D. Ludgera Empis, D. Maria do Carmo de Sampaio Lopes Vieira, D. Maria da Conceição Pereira, D. Maria Izabel Charters Leitão d'Eça, D. Maria Emília de Castelbranco, D. Maria Luiza de Melo Ulrich, D. Maria Santos Roque de Pinho, D. Maria Tereza de Lima Mayer, a qual foi elegantemente concorrida, devendo a comissão organizadora ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como mundano.

No Odeon

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte Condessa de Fornos, Condessa da Fóz. D. Eugénia de Almeida (Lavradio), D. Maria Amélia Amaral. D. Maria da Assunção Machado Galvão, D. Maria Emília Brandão Palha, D. Maria Henriqueta Galvão de Sá Ferreira Infante da Câmara, D. Maria Luiza de Vilhena de Magalhões Coutinho da Câmara, D. Maria Tereza da Cunha Guimarães, D. Maria Tereza Tôrres, Marquesa do Funchal e D. Virginia Teotónio Pereira, realizou-se no cinema Odeon, uma interessante festa de caridade, a favor de uma família que luta com a miséria, a qual foi elegantemente concorrida, vendo-se ali reunidas as principais famílias da nossa melhor sociedade.

No Turf Club

Os magníficos salões do Turf Club, a aristocrática agremiação do Chiado, realizou, levado a efeito um uma comissão de gentis senhoras da nossa primeira sociedade, uma festa de caridade, cujo produto se destinava a favor da Casa de Trabalho da Divina Providência, a qual constou de «chá-dançante» que foi abrilhantado por uma exímia orquestra de «jazz-band», havendo tambem um salão especial para partidas de «Mah-jong», «Bridg» e «Bluff» sendo a comissão organizadora composta das seguintes senhoras: D. Helena Pinheiro Pinto Basto, D. Maria Amélia Morales de los Rios Frois, D. Maria Cecília de Castro Pereira Arriaga e Cunha (Carnide), D. Maria Domingas Luiza de Sousa Coutinho (Borba), D. Maria Francisca Figueira de Castro Constâncio, D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Maria José Soto Maior Pinto Basto, D. Maria de Loures Corrêa de Sampaio Daun e Lorean (Pombal), D. Maria Tereza de Castro Pereira Guimarães, D. Maria Tereza Ferrão e D. Tereza Pinto Coelho.

Durante a tarde àlém de animada conversação dançou-se quasi sem interrupção até bastante tarde, sempre num crescente entusiasmo, que por vezes chegou a atingir o delírio.

Festas, como esta marcam sempre, no meio elegante, uma página a letras de ouro.

Casamentos

— Presidido pelo reverendo prior da freguezia monsenhor Pinheiro Marques, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paroquial de S. Pedro em Alcantara, o casamento da sr.ª D. Maria Luiza Lapa Travassos Valdêz, interessante filha da sr.ª D. Elvira Lapa Travassos Valdêz e do sr. comandante Travassos Valdêz, com o sr. Manoel Busquet de Aguilar, filho da sr.ª D. Maria da Soledade Busquet de Aguilar e do sr. dr. Bernardo de Aguilar Teixeira Cardoso, já falecido, servindo de madrinhas a tia da noiva sr.ª D. Virginia Travassos Valdêz e a mãi do noivo e de padrinhos os srs. general Travassos Valdêz (Bomfim), avô da noiva e o conselheiro Castro e Sola, tio do noivo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a-quém fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para o estrangeiro, onde fôram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paroquial do Coração de Jesus, a Santa Marta, o casamento da sr.ª D. Maria Tereza Euzebio, gentil filha da sr.ª D. Maria Rosa Dourado Euzebio e do sr. Manoel de Souza Euzebio, com o sr. dr. José Pereira da Rocha, filho da sr.ª D. Maria José Pereira da Rocha e do sr. Joaquim Lopes Rocha, tendo servido de madrinhas a avó da noiva sr.ª D. Maria Joaquina Dias Dourado e a mãi do noivo e de padrinhos o pai da noiva e o sr. José Rosa Dourado, sendo o acto presidido pelo reverendo António Luano, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da avó da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos, a-quém fôram oferecidas grande número de valiosas prendas para o norte do país onde fôram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na Basílica da Estrêla, presidido por Sua Excelência Reverendíssima, o sr. Arcebispo de Mitilene, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Nair Novita Teixeira, interessante filha da sr.ª D. Maria Novita Teixeira e do sr. António Marques Teixeira, já falecidos, com o sr. dr. João Baptista Jacquet, filho da sr.ª D. Diamantina Jacquet e do sr. Augusto Baptista Jacquet, já falecido, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, seus tios a sr.ª D Ana Pestana Reis e o sr. dr. Manuel Pestana Reis, e por parte do noivo a sr.ª D. Catarina Jessy Jacquet e o sr. João Baptista Jacquet.

Terminada a cerimónia foi oferecido no salão do primeiro andar do restaurante Café-Tavares, pelos padrinhos da noiva, um finíssimo lanche.

Baptisados

— Celebrou-se na paroquial do Coração de Jesus, o baptisado da menina Maria Adelaide, gentil filha da sr.ª D. Margarida Pignatelli Teles de Vasconcelos de Aguiar e do ilustre deputado da Nação e vogal do Conselho do Império Colonial, sr. dr. António de Aguiar, servindo de madrinha a sr.ª D. Joana Teles da Silva (Tarouca) e de padrinho o sr. Henrique Barbosa de Mendonça que se fez representar por sua mãi a sr.ª D. Carolina Gonçalves Barbosa de Mendonça viuva do Conselheiro sr. dr. Barbosa de Mendonça.

— Na paroquial dos Mártires, celebrou-se com a maior intimidade, o baptisado do menino José Manuel, interessante filhinho da sr.ª D. Maria Luiza do Casal Ribeiro Tavares e do sr. Fernando Cruz Tavares, tendo servido de madrinha a sr.ª D. Maria Helena Tavares Lima Alves e de adrinho o sr. José Cruz Tavares.

D. Nuno.

Banquete oferecido pela sr.ª D. Maria Risso Terra a algumas das pessoas das suas relações. Esta ilustre dama da nossa primeira sociedade é geralmente estimada pelas suas altas qualidades de caracter e distinção. O seu magnifico palacete do Pôrto é um ponto de reunião de artistas, que ela aamira e estima, como alma de artista que é

É extraordinário o tempo que se perde neste mundo, tempo que se poderia frutificar em tanta obra útil. O tempo é o maior inimigo da mulher, e é a mulher a que mais tempo desperdiça. Não falo da mulher do povo, dessa que moureja e rega tôdas as horas do tempo, com o suor do seu rosto, nem da mulher que duma classe superior estuda ou trabalha, falo da mulher de sociedade, que tanta hora estraga em futilidades.

O tempo só a atemoriza pelos estragos que causa na sua beleza. As horas da manhã passam-nas inúmeras senhoras na cama, perdendo as mais belas horas do dia, e quando se lhes faz notar isso dizem admiradas, «mas para quê tornar o dia maior, eu não sei em que heide passar o tempo». Passar o tempo! Essa frase que faz sorrir, se é êle, que passa sôbre nós, num turbilhão de horas, que se esvaem, que não voltam mais, que nos arrasta para a velhice, e, que só outra frase que é ainda mais irrisória pode competir em inepcia com esta, «matar o tempo», o tempo que nos mata, o tempo que esvae a nossa lembrança, o tempo que nos faz desaparecer, que se pode dizer nos aniquila... E, é êsse tempo que se quer matar!

E nessa ordem de ideias quanto tempo se perde, quanta hora que podia ser útil, se passa em conversas fúteis, sem encanto e sem utilidade, em distrações frívolas, que não deixam nem sequer a recordação de qualquer coisa que se aproveite.

E como uma dessas horas pode ser utilizada numa obra que deixe o vestígio dos nossos passos na terra! Obra que viva, embora nós desapareçamos, e, não sejamos lembradas, hora que sirva para não termos passado na terra como entes inúteis, como avezinha em gaiola, desperdiçando energias, em trinados, sem finalidade.

E essa obra está às vezes tão perto de nós, dentro da nossa casa e a cegueira que a falta e a inercia nos dão, fazem com que aquelas, que a não vêem ou a não querem ver, vivam a seu lado e nada façam para a desenvolver.

Governar a casa com economia atendendo a tôdas as necessidades dos que as rodeiam e que essa economia, que lhes parece inútil, porque a não precisam fazer, segundo lhes parece, a aproveitem para acudir às imensas necessidades das desherdadas da sorte, que são legião e tanto precisam ser socorridas.

Para passar o tempo, aquelas que tiverem filhos não podem ter melhor distração do que dedicar àqueles a quem deram o ser, umas horas, à sua edução, ao estudo do seu caracter, à formação da sua alma, encargo que em geral deixam na mão de professores, que têem a sua vida muito ocupada, por muitas almas, e, não se podem dedicar ao estudo de cada um de per si, e, de aí resulta a falta de educação e de formação moral de tanto jóvem e de tanto moço, cuja alma contém o gérmen de tôdas as bôas qualidades, que não foram desenvolvidas.

E não vale mais o aperfeiçoamento duma alma querida, do que uma sessão de cinema, ou uma tarde de «Ma-Jong»? não é esta uma espléndida maneira de matar o tempo, deixando no mundo um resultado prático, útil e elevado, quando o tempo por ordem de Deus nos matar.

Mas há muita senhora que não tem encargos de casa, que não é casada e não tem a quem educar.

Essas senhoras podem aproveitar o seu tempo a cultivar o seu espírito a aperfeiçoar a sua instrução, horas que traduzidas em bôa leitura, deixam na alma a semente do bem, que frutificará e mais ainda pode traduzir se dessa cultura adquirida, poderem dispensar um pouco, àqueles que nada sabem.

Horas que dedicadas a fazer bem passam tão depressa, tão velozmente, que só nos dão a pena de o dia ter só 24 horas, pois muito fica ainda para fazer.

E dêsse tempo ficam-nos profundas alegrias e não só as cinzas áridas que nos deixam os passatempos fúteis, que esquecemos e de que nada de bom resultou.

O tempo é uma das coisas mais preciosas de que dispomos. «Time is money» dizem os ingleses, mas não é só dinheiro, que o tempo representa, é muita outra coisa, que é infinitamente superior ao dinheiro, é caridade que se pode fazer, é instrução que se pode adquirir, é felicidade para as outras que podemos conquistar dando-lhes noções de muita coisa, que ignoravam e que pode ser-lhes útil na vida.

Saber aproveitar o tempo disciplinadamente, com método e inteligência. Ter horas para trabalhar, para descansar, para distrair, saber usar as distrações com utilidade é saber viver a vida. E, pode dizer-se, merece-la.

Desperdiçar em inutilidades o tempo precioso que Deus nos dá é quasi um crime, e um crime contra nós mesmas.

A mulher tem sempre que fazer na sua casa,

e, que fazer com utilidade própria e alheia, quando aproveita com inteligência, o tempo precioso, que é a sua vida, não é preciso, passar o tempo, matar o tempo, o que é necessário é viver êsse tempo conscenciosamente, utilmente, fazer dêsse tempo uma obra de aperfeiçoamento moral e de utilidade para o próximo.

Maria de Eça.

A moda

É êste ano nos tecidos que a moda nos tenta e deslumbra, uma profusão de côres e de belas coisas, que nos deixam surpresas e encantadas.

Os quadrados miudos e grandes, os xadrezes de côres alegres e variadas, as sedas animais e vegetais dos mais floridos e lindos desenhos, os «organdis» estampados, as cambraias bordadas, oferecem-nos uma variedade admirável, por onde escolher os vestidos fresco e leves, que nos calmosos dias de verão alegrarão com a sua fresca graça os pontos de reünião das elegantes.

Os chapéus que as flores alegram e ricamente guarnecem, têm a frescura condizente com os lindos tecidos que terão de acompanhar e serão só por si a alegria dos olhos pela sua graciosa guarnição.

Mas deixemos esta relação das belezas que a harmónica moda dêste verão, nos dá e tratemos apresentar às nossas leitoras, os modelos que embelezarão mais se é possível a sua natural elegância.

E' preciso não esquecer as noivas que esperam ansiosas o modêlo para o vestido que as deve tornar irresistíveis no dia do seu casamento. Temos um lindo modêlo em setim branco duma simplicidade encantadora, qualidade que deve sempre existir numa «toilette» de noiva. O cinto que aperta a sáia é guarnecido com prata. O véu posto com a maior singeleza e ornado por um toucado em rosas de gaze, como o bouquet que segura nas mãos. «Toilette» candida e pura que a uma delicada rapariga fará realçar os naturais encantos.

Para de manhã, temos um simples vestido em algodão num xadrêz branco e vermelho que uma gola em seda encarnada realça, e, que acentua a graciosa expressão de Helen Hayes a encantadora estrêla da Metro Goldwyn. É um vestido que se pode usar em casa e no campo, e, também numa praia a sua simplicidade está bem colocada.

Para a noite, um lindo vestido em crêpe branco grosso, usado por Antonita Arqués, a linda «miss» Espanha para 1936. Um cinto num rico tecido lamé de oiro e côres vivas dá a nota brilhante. Nesta «toilette» requinte de elegância e distinção. É para notar a graça da «écharpe» indispensável nêste género de vestidos e que pode uzar-se de várias maneiras, fluctuando em longas pontas, que acompanham a cauda, enrolada em volta do corpo ou da maneira artística como a atou no pescoço e pulsos, a linda rapariga, modêlo de graça e de beleza.

Para a noite e jantar, vestido em seda «glacée» da que cai em rígidas pregas num lindo xadrêz preto verde e branco. A sáia é cortada de fórma a que as largas listas do xadrez formem bicos na frente caíndo em «godets», na cauda e aos lados. O decote é sublinhado por uma farta «ruche» em «organdi» de seda, branco. Um amplo e rodado casaco com mangas terpadas e um laço atrás na gola, completa esta «toilettea» duma arrojada elegância, e, dum modernismo atraente para tôda a senhora que gosta de estar «à la page».

Os chapéus são sempre o complemento indispensável a uma «toilette chic» e de requintado gosto, são êles que marcam o gosto duma mulher que se preza de ter uma indiscutivel elegância. Damos dois modêlos qual dêles o mais belo e gracioso. Um é uma grande «capeline» em palha panamá branca guarnecida por uma rosa e folhagem em veludo, chapéu que abriga do sol e de utilidade num dia de calor. O outro é uma «calotte» em palha branca que uma corôa de flores miudas refresca e torna encantadora. Há uma enorme variedade este ano nos feitios dos chapéus e uma maneira bem original de as guarnecer. Os véos continuam a torná-los leves e graciosos, vêem se muito as azas e os passaros, que há muito estavam banidos pela moda, guarnição que se usou sempre muito. Há bem por onde escolher e o tacto, que torna uma mulher verdadeiramente elegante aconselha a que se escolha o que fica bem.

Banhos de sol

A proxima-se a estação dos banhos, que a todos interessa e o dr. Bouquet, faz no «Temps» uma dissertação sôbre as curas solares, forma moderna do culto que o homem rendeu sempre ao astro do dia.

PÁGINAS FEMININAS

Todos têem ouvido falar dos benefícios que se obtem com a helioterapia, e, que, graças a ela se curam as mais variadas doenças. Nada mais fácil, há quem diga, não é necessário apparelhos o sol brilha para todos. Mas é sempre mau transportar sem hesitações teorias médicas para a vida de todos os dias.

Nisto veio a moda dos banhos de sol na praia, seguida sem preocupações higiénicas Se alguns jovens, adultos já robustos nada arriscam, nem todos ganham com êsse uso. E vemos inesperadas conquências desta mania de se assar ao sol e escurecer a pele com os raios de Febo.

Há muito quem se surpreenda que êste famoso tratamento tão gabado, não seja vantajoso para todos, que as pessôas duma certa edade sintam perturbações, que se devem atender, que o desenvolvimento e a saude das crianças submetidas sem a precisa regra a este duche luminoso e quente nada lucram, e, que aqueles que se queriam fortalecer saiam enfraquecidos de uma experiencia muito prolongada.

A pele do homem velada ha séculos pela roupa deshabituou-se da acção do sol, que antigamente a banhava sempre.

E' necessário que pouco a pouco e muito lentamente se adapte de novo. Sem isto arriscam-se, primeiro ás queimaduras do sol que assumem ás vezes a gravidade duma queimadura grave e depois aos deploraveis efeitos, na circulação, especialmente se todos os orgãos internos não estão completamente ilesos.

A helioterapia é hoje em dia um magnífico modo de tratar algumas doenças, mas deve ser feita com a vigilância do médico e com as precauções, que só êle pode indicar, para que a saúde que se quer melhorar não seja abalada por qualquer grave lesão.

Não se brinca com o sol. É um deus cujas frechas eram respeitadas pelos antigos e ás quais só nos devemos expôr com reserva respeitosa, e progressivamente. O ilustre médico insiste também para que aqueles, que já usaram êste tratamento e se deram bem, não o tornem a fazer sem exame médico porque o organismo em mezes pode sofrer uma modificação.

Conselhos uteis

Para reavivar o coral das joias, que perde o brilho quando está directamente em contato com a pele, o que acontece por influência da transpiração, fazendo-o tambem empalidecer, é preciso fazer-lhe um tratamento, que lhe dê de novo o brilho e tôda a sua beleza. Consegue-se isto pondo-o de môlho em óleo de freixo com igual pêso de essência de terebentina.

Para tirar às ostras as suas maléficas propriedades: Há muita gente que com muita razão teme as ostras como alimento e não sem motivo porque muitas febres tifóides e outras têm a sua origem nas ostras criadas em águas inquinadas ou no fundo de cobre de navios.

Para lhes tirar todo o mal, lavam se muito bem antes de as abrir e põe-se de môlho cinco a seis horas em água dôce que se deve mudar pelo menos umas três vezes. Depois só se comem devidamente cozinhadas, tendo fervido pelo menos meia hora. O perigo está nas ostras cruas tão apreciadas dos gulosos. Quando cozinhadas deve deitar-se-lhes também bastante sumo de limão.

Higiene e beleza

Com a mania do emagrecimento que agora atacou a mulher, aumentou o perigo sempre temido pela mulher que já não está nos 30 anos do aumento das rugas. A ruga êsse pesadelo de tôda a mulher que deseja conservar a juventude ameaça quem faz regime para emagrecer.

Contra as rugas do corpo nada melhor que o seguinte banho: Fécula de batata 200 gramas, amido de arroz 500 gramas, amido de trigo 200 gramas, pó de iris 100 gramas, caséina 25 gramas, carbonato de soda 50 gramas, essência de alfazema 10 gramas.

Para conservar o rosto fazer umas loções de manhã e à noite de leite e água oxigenada a 10 volumes em partes iguais, e uns pingos de limão. Depois untar bem a cara com um bom creme e dormir assim. De manhã com o creme de maçagens fazer a maçagem sempre de baixo para cima, lavar a cara em água morna, fazer a aplicação da loção de leite e limpar com um algodão. Em seguida pôr o pó e fazer a «maquillage» que deve ser levemente feita, porque carregada acentua as rugas em vez de as disfarçar.

De mulher para mulher

Aborrecida: E' fácil deixar de se aborrecer e visto dizer-me que se interessa apenas por coisas de arte, teve agora em Lisboa três exposições de pintura muito interessantes a de Leal da Câmara, a 34.ª Exposição da Sociedade de Belas Artes e a exposição de Teodoro Baierl no Museu de Arte Antiga.

Tôdas muito interessantes. Tem tido conferências, e, ainda tem o melhor meio de se não aborrecer, que é empregar o seu tempo numa obra de utilidade para o próximo. Uma mulher nova não tem o direito de desperdiçar tempo a borrecer-se, a não ser... que seja doente.

Alice: Tem nas cambraias e «organdis», melhor tecido para os vestidos das suas filhinhas e com a vantagem de lavar muito fàcilmente. Se gosta de história leia a «Maria Stuart» de Stephan Zeveig, muito interessante.

Violeta: E' sempre com prazer que recebo notícias das minhas antigas correspondentes, nada tem que agradecer. Acho que é um caso muito sério êsse, e, deve contar tudo a seu marido. E' um péssimo sistema êsse, de esconder

um certo número de coisas ao chefe da família. Êle é que deve resolver êsse assunto que pode ter a maior gravidade para o futuro do seu filho.

Alice: Não se queixe de estar no campo, neste tempo é uma verdadeira felicidade poder fazê-lo, em vez de se aborrecer arranje uma ocupação que a interesse, criação de galinhas, cultura de flores, laticínios, enfim o que lhe fôr mais fácil empreender. Verá que dentro de pouco tempo se sentirá feliz com a sua vida. Veja se toma interêsse pela leitura. Os livros são melhores companheiros.

Graciosa: Nada me incomoda, tenho sempre muito gôsto em poder ser útil às minhas queridas leitoras. Se não está de luto e é assim tão nova para que vai fazer uma «toilette» branca e preta? É triste para uma rapariga. Há tecidos lindos em côres muito delicadas, que lhe fariam

um lindo vestido, de verão. Se o médico se não opõe, aprenda a nadar. É um bom exercício.

Rosa branca: — Nada mais gracioso do que ver duas pequenitas vestidas de 1.ª comunhão, de igual, e para as suas filhinhas, sendo assim tão parecidas deve vesti-las de igual Se fazem a comunhão com outras crianças devem cingir-se às indicações para tôdas. E' um dia em que não deve haver desegualdades, se a fazem vós é outro caso, de tôdas as maneiras a simplicidade é o que está indicado e os vestidos e véos em «organdi» são os mais bonitos e recomendaveis. Há senhoras que fazem uma combinação em sêda e dá bonito aspécto.

Receitas de cozinha

Beringelas no forno: Para aproveitar a carne cozida que fica de fazer o caldo é êste um óptimo prato, juntando-se-lhe um pouco de carne de porco fresca, ambas picadas e misturadas.

Tira-se a pele às beringelas; cortam-se às fatias, deixando-as em algum sal, durante uma hora, para largarem a tinta. Escorrem se, enxugam-se e fritam-se em manteiga ou bom azeite, bastante quente.

A' parte temos a carne picada, cebola e um dente de alho também picados, tudo separado. Deixa-se derreter a cebola e o alho ao lume com alguma manteiga e assim que começam a aloirar, junta-se-lhes a carne picada, e duas ou três colheres de môlho ou puré de tomate, e, se houver môlho de qualquer carne, sal e pimenta o necessário. Deixa-se ferver tudo, mexendo-se, já se sabe, durante alguns minutos.

Passa-se um prato de ir ao forno com manteiga e põe se uma camada de beringelas, uma camada de picado acabando pelas beringelas. Polvilhas-se com pão ralado e põe-se aqui e ali uns pedaços de manteiga, de forma a que com o calor do lume forme uma crosta doirada. Vai ao forno onde deve estar uma hora.

Filirinhas: 1 ovo, 250 gramas de farinha de trigo, 50 gramas de manteiga, 3 colheres de sopa de açúcar, 2 colheres de sopa de fermento inglês, leite o bastante para a massa não ficar rija, mas que se possa pegar na mão.

Mistura-se o fermento com a farinha, e, faz-se um buraco no meio, onde se deita o ovo, a manteiga, o açúcar e o leite. Mistura-se com a mão ràpidamente. Faz-se com a massa uns pequenos pãezinhos, poem-se num tabuleiro polvilhado com farinha e deixem-se cozer durante 10 minutos num forno bem esperto.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — R. V. 5.
Copas — A. 9, 8, 7, 6.
Ouros — A. 3, 2.
Paus — A. 10.

	N	
Espadas — 8.		Espadas — D. 4, 3.
Copas — 10.		Copas — V. 5, 4, 3, 2.
Ouros — V. 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4.	**O** **E**	Ouros — R. D.
Paus — R. D. V.	**S**	Paus — 9, 8, 7.

Espadas — A. 10, 9, 7, 6, 2.
Copas — R. D.
Ouros — — — —.
Paus — 6, 5, 4, 3, 2.

Trunfo é espadas. **S** declara chelem grande e fá-lo desde que **O** não sáia por paus.

(Solução do número anterior)

S joga D. *p*, **O** — R. *p*, **N** — A. *p*, **E** — 4 *p*.
N joga R. *c*, **E** — D. *c*, **S** — 5 *p*, **O** — 7 *c*.
N joga V. *c*, **E** — V. *o*, **S** — 9 *p*, **O** — 9 *c*.
N joga 3 *p*, **E** — 10 *p*, **S** — 6 *e*, **O** — 8 *p*.
S joga 6 *o*, **N** joga A. *o* e **S** faz depois os dois trunfos.

Se quando **N** joga V. *c*, **E** joga 10 *p*, o jôgo corre da mesma forma.

Se quando **N** joga V. *c*, **E** joga 3 *e*, **S** — 6 *e*, **O** — 9 *c*.

S joga duas vezes espadas e **E** e **O** ficam enforquilhados.

Se na primeira jogada, **O** não entra do R. *p*, **N** — 3 *p*, **E** — 4 *p*.

S joga 6 *o* e **N** — A. *o*. A seguir R. *c*, **E** — D. *c*, **S** — 5 *p*, **O** — 7 *c*.

N joga 2 *o*, **E** — R. *o*, **S** — 6 *e*, **O** — D. *o*.

S joga 9 *p* e faz tôdas as vasas.

Felizes pombos

Há pouco tempo morreu em Gijoer (na Hungria) um homem rico a quem haviam alcunhado de «pai dos pombos» tanta solicitude mostrára àquelas avezinhas até ao fim da vida.

Antes de morrer, especificára no seu testamento que legava meio milhão à vila, ficando esta encarregada de dar «asilo e pão» aos pombos municipais.

Como era de prevêr, o testamento dêste original foi contestado por um primo que habita na Alemanha.

O tribunal de Gijoer acabou por dar a sentença: confirma a legalidade do legado e condena o queixoso nas custas dos processos. A Câmara foi incumbida de construir no menor prazo de tempo, um pombal de bôas dimensões e de nomear um empregado encarregado de alimentar os pombos três vezes por dia, segundo a vontade expressa do defunto.

Quando o destino não quer...

Dão-se inúmeros casos de azar persistente, mas êste que vamos contar, é devéras extraordinário:

James Beasom, cidadão negro, americano, de Sununit no Tennessee (E. U. A.) recebeu uma facada, no decorrer duma discussão matrimonial. Enquanto sua mulher era conduzida à prisão, uma ambulância levou-o a êle para o hospital mas, no caminho, abalroou com um táxi.

Tendo uma segunda ambulância tomado conta de James Beasson, o motor desta inflamou-se e o infeliz negro a custo foi salvo do brazeiro.

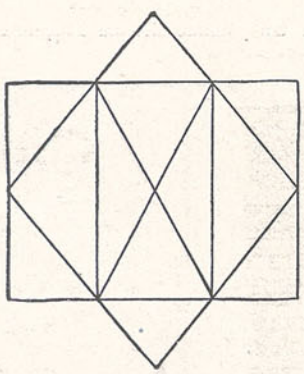
A operação cirúrgica decorreu muito bem e, em breve, êle se preparou para sair.

Ao atravessar a rua, em frente do hospital, um motocicleta atropelou-o e matou-o instantaneamente.

O destino implacável não deixou escapar a sua vítima.

Desenho a traço contínuo

(Passatempo)



Desenho a executar sem levantar o lápis do papel e sem passar duas vezes pelo mesmo traço.

Superstição remuneradora

Um floricultor de Nova York fez fortuna, dedicando-se ao cultivo, em vasta escala, do trevo de quatro fôlhas, ao qual uma antiga superstição atribue a virtude de trazer sorte.

Levou ao mercado as primeiras plantas no princípio de Abril e vendeu quatro mil pés numa semana, ao prêço de cinco francos cada uma.

Daí em diante, continuou o negócio com crescente êxito e naturalmente com prêços aumentados.

Brinde sentimental

No salão dos navios de guerra da América do Norte pratica-se um interessante costume. Ás nove horas da noite, o comandante manda vir bebidas, enche os copos e, levantando-se, pronuncia estas palavras: — Gentlemen, peço-lhes para beberem à saude das esposas e das noivas. Possa a noiva torna-se esposa e a esposa sempre ser a noiva.

Os oficiais ali reunidos bebem o *toast* em silêncio.

Palavras cruzadas

(Solução)

■	■	A	M	A	Z	O	N	A	S	■	■
■	E	L	O	S	■	■	A	L	A	S	■
■	M	A	■	O	S	L	O	■	L	A	■
C	A	■	■	■	I	A	■	■	■	L	I
A	■	S	O	L	■	■	H	A	M	■	R
S	■	I	S	A	■	■	A	G	U	■	M
A	L	■	■	■	P	E	■	■	■	F	A
■	U	M	■	L	O	U	P	■	R	I	■
■	A	I	P	O	■	■	A	M	U	O	■
■	■	O	I	T	I	C	I	C	A	■	■

Antes que cases...

Na Indochina pratica-se ainda nos nossos tempos um curioso exame prè-nupcial, destinado a avaliar o carácter do futuro marido.

Durante várias semanas, alguns mêses mesmo, a família da noiva sujeita o pretendente aos mais duros trabalhos. Se êle sai vitorioso da prova, é então aceite definitivamente.

Eis uma experiência famosa! Mas com a qual decerto não estão de acôrdo os pretendentes a maridos, europeus.

Na falta de estátuas

O rei Estanislau I, da Polónia, assim como muitos soberanos do seu tempo, ambicionava imitar a grandeza de Versalhes tal como fôra estabelecida por Luiz XIV. Nas capitais da Europa, surgiam por tôda a parte cópias mais ou menos fieis, de Versalhes.

Estanislau possuia as suas *grandes alamedas*, os seus repuxos, um canal — mas infelizmente, faltavam-lhe estátuas.

Não quiz, porêm, desanimar por semelhante dificuldade. Quando dava uma festa nos seus jardins, alugava um rancho de modêlos, homens e mulheres, fazia-os vestir com trajos clássicos e pousar como deuses e deusas pelo meio do arvoredo e ao longo dos tanques.

— Não se trata de nenhum «raid» aéreo, não senhor. E' uma rapariga muito bonita que ali mora e que esta tomando o seu banho de sol no terraço por cima do «chalet».
(De «Londres Opinião»).

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA** os **REUMATISMOS**

Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem arthritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Pulverise FLIT o inimigo implacavel dos insectos

Não sofra noites de tortura por usar «insecticidas» inferiores que não matam os percevejos!

Flit vende-se em 90 paizes, prova da sua eficacia na destruição dos insectos. Acautele-se contra productos mascarados de Flit. As latas de Flit só se vendem seladas para evitar fraudes. **Nenhum producto vendido avulso é Flit.** Exija as famosas latas amarelas com o soldado e a lista preta, recuse os substitutos.

Espalhe PO FLIT nas fendas e buracos onde os insectos põem os ovos, e estes morrerão logo.

FLIT mata SEMPRE!

VIAGENS

À VENDA

Categoria Literária das Cidades

POR LUIZ TEIXEIRA

A arqueologia e o pitoresco das cidades — Como viajam os franceses — Como viajam os americanos — Como viajam os portugueses — Paris — Londres — Atenas — Berlim — Hamburgo — St. Pauli — Hamburgo — Alemanha, país da cerveja — Gibraltar — Ilha de Malta — Nápoles — Veneza — A Sicília — Palermo — Redipuglia e Corfu — A Tripolitania — A Africa e a aventura — Regresso: Algarve em flor — Conselhos e confidências a quem parte: Viajar — A «toilette» — O amor — Itenerários no Adriatico

1 vol. de 242 págs., broch. . . . . **10$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

Álgebra Elementar, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 págs. ... 13$00

Aritmética Prática, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. ... 13$00

Desenho Linear Geométrico, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. ... 12$00

Elementos de História da Arte, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. ... 25$00

Elementos de Mecânica, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs, com 141 grav. ... 12$00

Elementos de Metalurgia, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 págs., com 121 grav. ... 20$00

Elementos de Modelação de ornato e figura, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav. e 30 est... 12$00

Elementos de Projecções, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. ... 18$00

Elementos de Química, pela Direcção da Biblioteca de Instrucção Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. ... 15$00

Escrituração Comercial e Industrial, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs. ... 12$00

Física Elementar, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. ... 15$00

Geometria Plana e no Espaço, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs., com 273 grav. ... 15$00

O Livro de Português, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. ... 12$00

MECÂNICA

Desenho de Máquinas, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est. ... 30$00

Material Agrícola, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras ... 15$00

Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav. ... 15$00

Problemas de Máquinas, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 págs., com 170 grav. ... 18$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos das Construções, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 volume de 356 págs., com 168 grav. 17$00

Alvenaria e Cantaria, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 288 págs., com 337 grav. ... 15$00

Cimento Armado, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 684 págs., com 356 grav. ... 28$00

Edificações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 191 gravuras ... 15$00

Encanamentos e Salubridade das habitações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras ... 15$00

Materiais de Construção, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav. ... 30$00

Terraplenagens e Alicerces, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 págs., com 230 grav. ... 15$00

Trabalhos de Carpintaria Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 400 págs., com 448 grav. ... 20$00

Trabalhos de Serralharia Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 360 págs., com 442 grav. ... 18$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

Construção Naval, IV volume (Construção de navios de ferro) pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 págs., com 298 grav., formato 16 × 22 ... 12$00

Construção Naval, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 págs., com 138 grav., formato 16 × 22 ... 12$00

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de Automóveis, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.

Condutor de Máquinas, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. ... 25$00

Electricista (Novo Manual do), pelo eng. Hugo Pinto de Morais Sarmento — 1 vol. com 424 págs. e 246 grav. ... 25$00

Fabricante de Tecidos, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs., com 342 grav. ... 25$00

Ferreiro, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 115 grav. e 34 estampas ... 15$00

Fogueiro, pelos eng. António Mendes Barata e Raul Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav. ... 18$00

Formador e Estucador, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras ... 12$00

Fotógrafo, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav. ... 12$00

Fundidor, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15$00

Galvanoplastia, por André Brochet, tradução de Manuel Véres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav. ... 18$00

Marceneiro, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas ... 20$00

Motores de Explosão, (Combustão interna), pelo eng. António Mendes Barata — 1 vol. de 516 págs., com 409 grav. ... 30$00

Navegante, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs. com 139 gravuras. ... 15$00

Pilotagem, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 360 págs., com 119 gravuras. ... 17$00

Serralharia Mecânica, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs., com 395 grav. ... 20$00

Topografia e Agrimensura, pelo coronel Guedes Vaz e major Mousinho de Albuquerque — 1 vol ... No prelo.

Torneiro e Frezador Mecânicos, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav. ... 17$00

Vocabulário de Termos Técnicos, pelo eng.-maquinista Raul Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs. ... 30$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria Alimentar, por Pedro Prostes — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. ... 14$00

Indústrias de Fermentação, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 180 págs., com 72 grav. ... 14$00

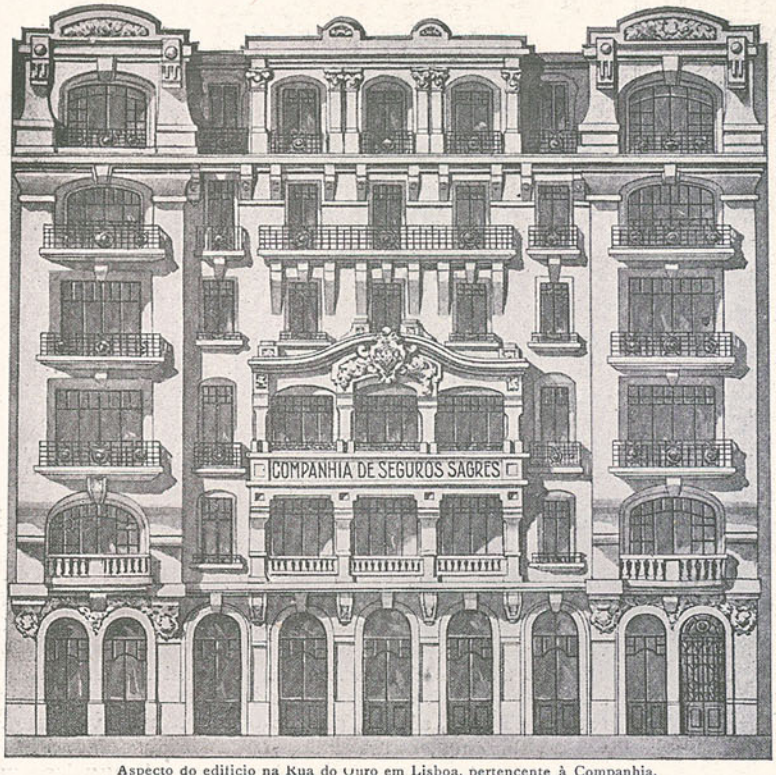
Indústria de Sabões e Sabonetes, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 26 grav. ... 10$00

Indústria do vidro, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 212 págs., com 111 grav. ... 15$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - Rua Garrett, 73-75 - LISBOA

SAGRES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa, pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA
TELEFONES: 2 4171 — 2 4172 — P. B X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000$00

Seguros de vida em tôdas as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 3.ª EDIÇÃO

AVENTURA MARAVILHOSA
DE D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL, DEPOIS DA BATALHA COM O MIRAMOLIM

ROMANCE
POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 páginas, com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**
Pelo correio, à cobrança **14$00**

Edição da LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS
DE
JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROISMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo **DR. SAMUEL MAIA**
Médico dos Hospitais de Lisboa

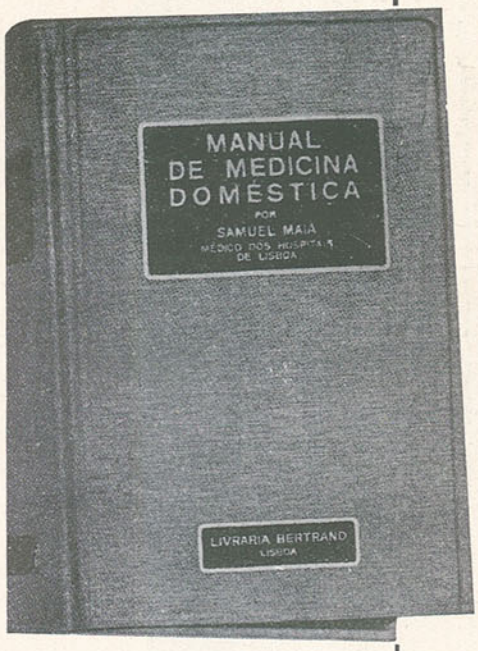
O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.



Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência.** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nítidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

Urgente!

Está indisposta ...

mas a criada já está preparando no fogareiro VACUUM o chá que a há-de reconfortar. É questão de dois minutos!...

Só o fogareiro VACUUM pode prestar tão urgente como valioso serviço. Adquira-o e terá sempre às suas ordens um auxiliar precioso.

Só são Fogareiros Vacuum aqueles que teem gravada a marca VACUUM

USAR SEMPRE
PETROLEO
VACUUM
SUNFLOWER

FOGAREIROS VACUUM

1586